



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

LIVÂNIA BATISTA DE OLIVEIRA

**A LINGUAGEM CINEMATOGRAFÍCA E O ENSINO DE GEOGRAFIA:
RESISTÊNCIA(S) À REINVENÇÃO E CONTINUIDADE(S) NA TRADIÇÃO NA
EEEFM PROFESSOR CRISPIM COELHO**

CAJAZEIRAS, PB

2015

LIVÂNIA BATISTA DE OLIVEIRA

**A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E O ENSINO DE GEOGRAFIA:
RESISTÊNCIA(S) À REINVENÇÃO E CONTINUIDADE(S) NA TRADIÇÃO NA
EEEFM PROFESSOR CRISPIM COELHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Geografia, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo

Linha de Pesquisa: Geografia escolar

CAJAZEIRAS-PB

2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
André Domingos da Silva - Bibliotecário CRB/15-730
Cajazeiras - Paraíba

O4821 Oliveira, Livânia Batista de
A linguagem cinematográfica e o ensino de geografia:
resistência(s) à reinvenção e continuidade(s) na tradição na EEEFM
Professor Crispim Coelho. / Livânia Batista de Oliveira. Cajazeiras,
2015.

86f. : il.

Bibliografia.

Orientador (a): Profa. Dra. Iveralda Dantas Nóbrega di Lorenzo.
Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Geografia e cinema. 2. Ensino de geografia. 3. Geografia –
metodologia e linguagens. 4. EEEFM Crispim Coelho – Cajazeiras –
PB. 5. Geografia escolar. I. Di Lorenzo, Iveralda Dantas Nóbrega. II.
Título.

UFCG/CFP/BS

CDU –910:791(813.3)

Livânia Batista de Oliveira

**“A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E O ENSINO DE GEOGRAFIA:
RESISTÊNCIAS REINVENÇÃO E CONTINUIDADES NA TRADIÇÃO DA
E. E. E. F. M. PROFESSOR CRISPIM COELHO ”**

Monografia apresentada à
Coordenação de Geografia - UACS,
Universidade Federal de Campina
Grande- UFCG, como requisito parcial à
obtenção do título de Graduação.

Aprovada em: 07/04/2015

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo (orientadora)

Renata da Silva Barbosa
Prof. Ms. Renata da Silva Barbosa (Primeiro Examinador)

Elzanir dos Santos
Prof. Dra. Elzanir dos Santos (Segundo Examinador)

Dedico ao meu Deus, pela presença constante em todos os momentos de minha vida e ao meu pai Sr. Antônio Batista Sobrinho (in memoriam), pelo exemplo de pai, amigo. Homem pelo qual tinha maior orgulho de chamar de pai. Saiba que permanecerá para sempre em meu coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por dar-me sabedoria para chegar neste estagio da minha vida.

A minha mãe, Maria pelo amor, carinho, dedicação e força.

Ao meu marido Ticiano e meu filho Ticiano Júnior que mesmo com muita dificuldade estavam e estarão sempre torcendo por mim.

A minha Orientadora, a Professora Doutora Ivalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo, com a qual venho discutindo sobre o cinema e geografia há algum tempo, pela paciência e por acreditar em mim.

As minhas amigas-irmãs: Renágila, Roberta e Niedja, que mostraram o valor de suas amizades dando-me forças, sempre que necessário.

Aos professores, educandos do 6º Ano A (turno manhã) e aos diretores da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio, (EEEFM) Professor Crispim Coelho, pela ajuda indispensável na realização deste trabalho, colaboração precisa e disponibilizando assim as estruturas da referida escola sempre que necessário, como também, seus tempos disponíveis; compartilhando aulas, planejamentos, entrevistas e orientação.

A minha sogra, Maria Jeane que sempre me ajudou e ajuda em todos os momentos da minha vida.

Ao meu querido velho “avohai”, pelo carinho e todo amor, ensinamentos e pelo exemplo de vida que foi e sempre será para mim.

Agradeço ao grande amigo “Israell Ceará” que sempre esteve ao meu lado, quando precisei e, pela sua amizade, meu eterno carinho e muito obrigado, amigo.

A todos os professore (as) do CFP/UFCG, campos de Cajazeiras, com quem tive contato, o meu muito obrigado. Em especial aos professores pela contribuição ao integrar a Banca Examinadora, a Professora Ms. Renata da Silva Barbosa e a Professora Dr. Elzanir dos Santos.

Não estamos apenas apreendendo informações, e sim agitando sentimentos, ativando a curiosidade e, quem sabe, até mobilizando novas buscas e significação para própria vida.

FRESQUE

RESUMO

O objetivo desse estudo é investigar as práticas educativas cotidianas no ensino de geografia propondo através da pesquisa, uma discussão temática no ensino de geografia, a partir da linguagem fílmica, tomando o cinema como linguagem auxiliar para o ensino, em sala de aula. O cinema possui uma grande variação de filmes e documentários relacionados aos conteúdos geográficos e suas ramificações. Sendo um campo amplo para discussão desse assunto, tanto na Educação Básica como na Educação Superior, na formação de novos professores. Entretanto, é preciso entender que o processo de conhecimento e de adaptação a novas metodologias educacionais, requer tempo, desejo de aprender, praticidade e adaptação, o que por vezes, provoca o abandono e ou desistência por parte dos professores. O uso do cinema, assim como outras linguagens no ensino de geografia, possibilita corrigir uma defasagem que perdura por muito tempo no ensino, já que a discussão do ensino acerca das relações sociais de produção travadas no espaço geográfico vão além da didática escolar cotidiana. Portanto, o que se busca quando se trata do processo de ensino e aprendizagem, é adequar ao ensino novas metodologias e recursos para a interpretação dos conteúdos, e não a substituição das práticas docentes realizadas. É assim, uma renovação no ensino condizente com as transformações e relações do momento atual pelo qual passa a sociedade. O uso do cinema a partir do filme 'Lixo Extraordinário', proposto a educadora para o estudo do espaço geográfico pode promover o entendimento das transformações e relações sociais travadas no seio da sociedade e o uso dessa linguagem pode facilitar o ensino-aprendizagem da disciplina de geografia. Esta pesquisa realizou-se no período de 10 de novembro a 20 de dezembro do ano de 2014, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Crispim Coelho, município de Cajazeiras, mesorregião do Sertão Paraibano, Tendo como sujeitos da pesquisa os alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental. Os resultados alcançados demonstraram que a distribuição da carga horária por disciplinas e o lugar dado à geografia demonstra resistência(s) e contradições no tocante à inovação metodológica do ensino, por conseguinte a permanência de práticas tradicionais nesta disciplina.

Palavras-chave: Cinema. Ensino de Geografia. Metodologia. Linguagens. Escola.

ABSTRACT

The objective of this study is to investigate the everyday educational practices in teaching geography proposing through research, a thematic *discursão* in teaching geography, from the filmic language, taking the film as a language aid for teaching in the classroom. The film has a wide range of films and documentaries related to geographic content and its ramifications. Being a wide field for discussion of this subject, both in basic education and in higher education, in training new teachers. However, one must understand that the process of knowledge and to adapt to new educational methodologies, requires time, desire to learn, practicality and adaptation, which sometimes causes the abandonment and discontinuance or by teachers. The use of cinema as well as other languages in teaching geography, enables correct a gap that has lasted a long time in teaching, since the discussion of teaching about the social relations of production caught in the geographical area beyond the didactic school everyday. So what is sought when it comes to teaching and learning, is to adapt to new methodologies and teaching resources for the interpretation of the contents, not the replacement of teaching practices carried out. It is thus a renewal in education consistent with the transformations and relations of the present moment experienced by the society. The use of film from the movie 'Special Waste', proposed the educator for the study of geographical space can promote understanding of the transformations and social relations involving in society and the use of this language can facilitate discipline of the teaching-learning geography. This research took place in the period from November 10 to December 20 of the year 2014, in the State School of Primary and Secondary Teacher Crispin Coelho, city of Cajazeiras, Paraíba mesoregion Hinterland, having as research subjects students of the 6th year of elementary school. The results obtained showed that the distribution of hours by subject and the place given to geography demonstrates strength (s) and contradictions regarding the methodology of teaching innovation, therefore the permanence of traditional practices in this discipline.

Keywords: Cinema. Geography Teaching. Methodology. Languages. School.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas – Técnicas.

ACAMJG – Associação dos Catadores do Aterro Metropolitano do Jardim Gramacho

CICAE – Confraternização Internacional de Cinema de Arte e Ensaio

EEEFM – Escola Estadual Ensino Fundamental Médio

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EUA - Estados Unidos da América

MEC – Ministério da Educação e Cidadania

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNRS – Política Nacional de resíduos Sólidos

PPP – Projeto Político Pedagógico

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

URSS – União das Republicas Socialistas Soviéticas

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Composição Média e Produção de Resíduos Sólidos Urbanos no Brasil.....	47
Tabela 2- Índices de reciclagem de embalagens PET e latas de Alumínio.....	48

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Total de Alunos Regularmente Matriculados por Idade e Sexo no 6º Ano na EEEFM Professor Crispim Coelho, Cajazeiras – PB.....	34
Gráfico 2- Preferência por filmes durante as aulas de geografia no 6º Ano A, na EEEFM Professor Crispim Coelho, Cajazeiras – PB.....	36
Gráfico 3- Aceitação dos Alunos sobre a Disciplina de Geografia no 6º Ano A, na EEEFM Professor Crispim Coelho, Cajazeiras – PB.....	64
Gráfico 4- Aceitação dos Alunos sobre a Escola na EEEFM Professor Crispim Coelho, Cajazeiras – PB.....	64
Gráfico 5- Aceitação dos Alunos sobre a Professora de Geografia no 6º Ano A, na EEEFM Professor Crispim Coelho, Cajazeiras – PB.....	65

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1- Espaços de circulação da EEEFM Professor Crispim Coelho.....	33
Imagem 2- Educandos do 6º Ano A da EEEFM Professor Crispim Coelho.....	33
Figura 1- Vista aérea da EEEFM Professor Crispim Coelho, Cajazeiras – PB.....	32
Figura 2- Capa do filme ‘Lixo Extraordinário’	43
Figura 3- Vista aérea do Aterro Sanitário de Gramacho, Duque de Caxias – RJ.....	44
Figura 4- Aterro Sanitário de Jardim Gramacho, Duque de Caxias. Rio de Janeiro.....	52
Figura 5 e 6- Retratos de catadores feitos a partir do lixo.....	54
Figura 7- Catador de resíduos.....	56

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2.	O CINEMA: ABORDAGEM HISTÓRICA	19
2.1	O Cinema no Brasil	22
2.2	O Brasil e o Novo Cinema	23
2.3	Conceitos e Gêneros no Cinema	25
3.	A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA	29
3.1	Abordagens sobre o Espaço Geográfico na Sala de Aula a partir do Espaço Fílmico	31
3.2.	O Cinema como Linguagem e as Representações do Espaço Geográfico: o Filme 'Lixo Extraordinário'	40
3.2.1	O Filme	41
3.2.2	Localização do Aterro Sanitário	43
3.2.3	Ficha técnica do filme <i>Lixo Extraordinário</i>	44
3.3	Resíduos Sólidos: Retratos do Lixo no 'Lixo Extraordinário' - contradição(ões) da sociedade capitalista	45
3.3.1	Temas Abordados	50
3.3.1.1	Meio Ambiente	50
3.3.1.2	Dignidade	53
3.3.1.3	Cidadania	54
4.	QUAL(IS) GEOGRAFIA(S) SE ENSINA NA ESCOLA?	57
4.1.	Novas Linguagens no Ensino de Geografia, Contradições e Limites da Prática Pedagógica no Ensino de Geografia na Turma do 6º Ano da EEEFM Professor Crispim Coelho	61
4.2.	Resistência(s) à Reinvenção e Continuidade(s) na Tradição	66
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
	REFERÊNCIAS	77
	APÊNDICES	82

1. INTRODUÇÃO

Estudos atuais revelam que vivemos períodos de intensas transformações na sociedade, especialmente no âmbito da educação e nesta, destaca-se o ensino de geografia, uma das principais transformações dos dias atuais, também inserido neste contexto de redefinições promovidas pela sociedade. Ainda incipientes essas transformações perpassam vários fatores, dentre eles os que influenciam a Geografia enquanto disciplina escolar.

Dentre esses fatores, cita-se o mal desempenho do educando na aprendizagem, a insuficiência ou inexistência de diálogo entre educando/educador, a falta de interesse dos educandos pela disciplina de geografia, dentre outros temas, frequentemente abordados por autores que buscam alternativas para a rediscussão e reelaboração do processo ensino-aprendizagem.

A importância da utilização de novas metodologias e recursos didático-pedagógicos em sala de aula se dá pela necessidade de aprimoramento nas atividades de ensino de geografia, contextualizando-se as realidades do educando, facilitando o processo ensino-aprendizagem, além de melhorar a relação educando-educador.

Uma forma de tornar as aulas de geografia mais interessantes e envolventes consiste na utilização de mídias em sala de aula, um recurso que vem se configurando como uma alternativa didático-pedagógica eficaz para o processo de ensino-aprendizagem, em sala de aula. O uso do cinema como alternativa metodológica, haja vista a facilidade de acesso aos filmes favorece a aproximação do educando com os conteúdos trabalhados, principalmente se o filme escolhido apresentar elementos comuns do seu cotidiano.

A partir dessa temática, o uso do cinema como recurso metodológico em sala de aula, seria uma ferramenta eficaz, principalmente no ensino de geografia, se levar em consideração que são inúmeras as questões sociais, econômicas e culturais, tais como: regionalismo, dinâmica natural, cidade, campo, preconceito, entre outras, as quais podem servir de reflexão durante o processo ensino-aprendizagem, sobre o qual discorreremos neste trabalho a partir de pesquisa realizada no período de 10 de novembro a 20 de dezembro do ano de 2014, na turma do 6º Ano A, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Crispim Coelho, localizada à Avenida Governador Pedro Moreno Gondim, sem número, centro, município de Cajazeiras, mesorregião do Sertão Paraibano.

Para a realização da pesquisa que resultou neste trabalho, iniciou-se a procura por uma escola a fim de concretizar a referida pesquisa, quando se deparou com muitas dificuldades, uma vez que o número de educandos estagiários presentes nas escolas do município de

Cajazeiras, já era consideravelmente alto, o que dificultou na hora de ser aceita na primeira escola, demonstrando, portanto, a necessidade de se rever o debate acerca da parceria entre universidade e escola, comportando desse modo, a demanda do mapeamento relativo à quantidade de estagiários, o número de escolas e a distribuição dos educandos estagiários pelas escolas do Município de Cajazeiras, evitando sobrecargas em algumas escolas, e ausência de estagiários em outras, uma temática importante para ser discutida e investigada pela academia por ocasião de outras pesquisas.

Na continuação pela busca para realização da pesquisa, visitou-se três escolas, tendo a primeira escola recusada à pesquisa em função da exorbitante quantidade de estagiários da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); na segunda escola, houve aceitação, foram realizadas as observações na mesma e na sala de aula, mas quando propôs à realização da pesquisa-ação e da realização de entrevista, a professora, uma funcionária contratada, se recusou a responder para evitar maiores problemas e riscos ao seu emprego e estadia naquela escola.

Foi a terceira escola, a EEEFM Professor Crispim Coelho, que aceitou a realização da pesquisa. Porém, ao chegar à escola, o diretor não se encontrava, teve-se que retornar três vezes, quando se foi recebidos e encaminhados à sala de aula do 6º Ano, cujas aulas de geografia eram ministradas por uma professora, licenciada em Geografia, com experiência profissional de 12 anos de magistério.

Novo impasse se instaurou na pesquisa quando após passar por duas escolas, foi proposto a pesquisa com o desenvolvimento da metodologia a partir da linguagem fílmica em sala de aula e, novamente teve-se a surpresa com a negativa da ação em virtude da dificuldade de aplicabilidade do filme, devido ao pouco tempo destinado às aulas de geografia e o desenvolvimento do plano de aula para evitar atrasos na estrutura planejada. Diante deste impasse, resolveu-se permanecer, pois acreditava-se que poderia dialogar e haver mudanças de opinião quanto à possibilidade do desenvolvimento de uma atividade interdisciplinar durante a pesquisa, o que ao final, não foi possível.

Entretanto, em observação a escola, a gestão, às práticas docentes e discentes, e, novamente propôs o desenvolvimento da aula a partir da linguagem fílmica. Dentre as observações realizadas, observou-se ‘quais geografias se ensina na Escola’, partindo das metodologias e linguagens utilizadas no ensino de geografia e a realidade nas práticas docentes na turma do 6º ano da Escola Professor Crispim Coelho.

A metodologia envolveu entrevistas junto a catorze educandos e um educador de geografia. Além dessas, as anotações em caderneta de campo e a partir da pesquisa pusemos

em prática a sistematização fundamentada para aprimoramento e desenvolvimento de uma proposta didático-pedagógica de trabalhar conteúdos geográficos a partir da linguagem fílmica.

Assim este trabalho tem como objetivo geral investigar as práticas educativas cotidianas no ensino de geografia propondo através da pesquisa, uma discussão temática no ensino de geografia, a partir da linguagem fílmica. A partir disto indicam-se aqui os objetivos específicos:

- Apresentar uma abordagem histórica sobre o cinema;
- Refletir sobre a linguagem cinematográfica como uma contribuição didático-pedagógica no ensino de geografia;
- Investigar quais as geografias que se ensina na EEEFM Professor Crispim Coelho;
- Discutir acerca das resistências às reinvenções e da continuidade do ensino tradicional na geografia escolar.

O levantamento bibliográfico incluiu estudos sobre o cinema, seus usos no ensino e gêneros; ensino-aprendizagem a partir da linguagem fílmica e a relação educando/educador numa educação contextualizada.

Partindo deste pressuposto o referido trabalho está estruturado em quatro capítulos, incluindo inicialmente a introdução, seguida do segundo capítulo intitulado “O Cinema: abordagem histórica”, o qual relata a história do cinema e da arte cinematográfica, desde seu início, no século XIX, em Paris na França, até os dias atuais, descrevendo o surgimento, a evolução do cinema, de início, na Europa e Pós-Segunda Guerra Mundial, sua evolução e o seu crescimento pelo mundo, principalmente a indústria cinematográfica norte-americana. Outro ponto abordado neste capítulo é a chegada do cinema ao Brasil e a sua evolução em território nacional, nos primeiros anos com forte influência das produções européia, principalmente francesa, alemã e italiana.

Além do período de maior dificuldade já enfrentada em território nacional, durante o regime militar quando houve forte repressão ao cinema e aos seus produtores no Brasil. Neste capítulo também constam os gêneros cinematográficos e seus subgêneros que contribuíram com o estilo de se fazer arte cinematográfica tanto no Brasil como no mundo.

O terceiro capítulo intitulado “A linguagem cinematográfica: contribuições para o ensino de geografia”, destaca-se o uso da linguagem cinematográfica e suas contribuições

para o ensino de geografia em sala de aula. Discorre ainda sobre, abordagens do espaço geográfico na sala de aula, a partir do espaço fílmico, em seguida fala-se sobre resíduos sólidos e sua problemática social e ambiental, tomando como exemplo a realidade social do Aterro Sanitário do Jardim Gramacho, no município de Duque de Caxias- Rio de Janeiro, concluindo com a proposta de reutilização de resíduos a partir da arte, gerando autoestima, trabalho e renda para populações excluídas.

O quarto capítulo, intitulado “Qual (is) geografia(s) se ensina na escola?” Mostra a realidade do ensino de geografia através da turma do 6º Ano, da EEEFM Professor Crispim Coelho, e a prática docente realizada considerando a utilização de metodologias, as contradições e os limites dessa prática como símbolos de resistência(s) à reinvenção e continuidade(s) na tradição.

Os resultados demonstram que no período observado na turma do 6º Ano desta Escola, o ensino de geografia caracteriza-se como sendo pautado nos moldes tradicionais, cujos principais recursos utilizados são o livro didático e o quadro-de-giz, por vezes, limitando inovações. Essas resistências, como não aceitação da aplicação do uso do filme em sala, proposto a educadora do decorrer da pesquisa também se associam, segundo a educadora e através das observações realizadas sala de aula, a uma estrutura curricular fragmentada do ensino de geografia, e ao lugar dado à geografia pela escola e pela grade curricular da Educação Básica, motivos pelos quais, à disciplina são destinados espaços e tempos inadequados e insuficientes ao seu desenvolvimento pleno, especialmente se considerarmos a interdisciplinaridade, dificultando de tal modo, o desenvolvimento do ensino-aprendizagem; segundo a ótica de uma educação contextualizada e um ensino prazeroso para o educando.

2. O CINEMA: ABORDAGEM HISTÓRICA

De acordo com Bernardet (1980), em seu livro “O que é Cinema”, a origem do cinema é datada em 28 de dezembro de 1895. Sua primeira exibição foi no Grand Café, em Paris, na França com o filme chamado *L'Arrivée d'un Train à La Ciotat*, que significa em português A chegada de um trem a Ciotat, foi a primeira projeção de imagem cinematográfica registrada pela história do cinema no mundo os poucos expectadores que assistiram à primeira exibição foram convidados pelos irmãos Lúmiere.

A nova invenção em pouco tempo atraiu interesses de multidões que ficavam deslumbradas com a capacidade de obter imagens do cotidiano retratadas em uma pequena projeção, de poucos minutos, em uma tela, conforme afirma Costa (2006, p. 17):

No começo do século XX, o cinema inaugurou uma era de predominância das imagens. Mas quando apareceu, por volta de 1895 não possuía um código próprio e estava misturado a outras formas culturais como o espetáculo de lanternas mágicas, o teatro popular, os cartuns, as revistas ilustradas e os cartões postais. Os aparelhos que projetavam os filmes apareceram mais como uma novidade entre varias invenções que surgiram no final do século XIX. Estes aparelhos eram exibidos como novidades em demonstrações nos ciclos de cientistas, em palestras ilustradas e nas exposições universais, ou misturados a outras formas de diversão popular, tais como circos, parques de diversões, gabinetes de curiosidades e espetáculos de variedades.

O cinema no seu inicio não obtinha recursos e estrutura para grandes projeções como na atualidade. As primeiras projeções cinematográficas tiveram como destaques as características básicas utilizadas pela arte do teatro. Sua estrutura padrão era apenas uma câmera fixa que registrava imagem em preto e branco e sem som, conforme Bernardet (1980, p.145).

Os primeiros trabalhos em relação ao cinema surgem com filmes de curta metragem, filmes esses com poucos recursos, preto e branco e sem som, eram projeções de encenações muito próximas ao teatro, onde uma câmara fixa e parada registrava a ação dos personagens numa espécie de palco ou cena real.

O chamado cinema mudo ficaria mais conhecido muito tempo depois através de Charlie Chaplin com o filme *Dançando na Chuva*, de 1929, segundo Morettin (2009, p. 48):

[...] sempre procurando mostrar algo (a queda de um muro, um elefante sendo eletrocutado, uma vista de um barco, um trem partindo ou chegando, acidentes, as ondas se chocando contra um píer, danças, lutas de boxe, um panorama de uma cidade, etc.), marcados pela falta de preocupação em contar histórias [...].

Segundo Bernardet (1980, p.147), a “ilusão da noção de verdade ou impressão da realidade, foi à base do grande sucesso do cinema”. Segundo o autor, no final do século XX, quase toda a Europa e os Estados Unidos empenharam-se em pesquisas para produção de imagem em movimento, e com o passar dos anos, cineastas conseguem novas técnicas de filmagens, incentivando e transformando a cultura de diferentes sociedades. Somente na metade do século XX, surgem os filmes de largas escalas devido ao crescimento das novas tecnologias e o crescimento da indústria do cinema.

Portanto, o cinema produzido nos Estados Unidos passou a ser assistido no mundo todo, pois apresentava filmes com melhor qualidade de imagem e isso deslumbrava o telespectador, além de obter apoio financeiro do governo norte americano para fazer propagandas a respeito da arte cinematográfica. Logo, os filmes começaram a ser assistidos de forma mundial, fazendo com que o cinema fosse um ponto forte na cultura ocidental.

De acordo com Bernardet (1980, p.170), “o cinema moderno-etapa da história que se inicia pós-guerra pode ser caracterizado como movimento de renovação que ocorre em quatro níveis: temática, linguagem, preocupações sociais e relação com o público”.

A indústria cinematográfica começou a se expandir e ganhar destaque após a primeira Grande Guerra Mundial (1914-1917). Com a nova divisão Européia, na primeira metade do século XX, o cinema alemão assim como os cinemas soviético, francês e o italiano começaram a se destacar com projeções referentes à história de heroísmo de algumas personagens destes países, conforme explicita Bernardet (1980, p. 170):

Realizam-se filmes voltados para a situação social italiana, rural e urbana [...]. Despojam-se enredos, personagens, cenografia, de todo o aparato imposto pelo cinema de ficção. Os cineastas se voltam para o dia-a-dia de proletário, camponeses e pequena classe média. A rua e ambientes naturais substituem os estudos. Atores poucos conhecidos e até não profissionais aparecem em lugar de vedetes célebres. A linguagem simplifica-se, procurando captar esse cotidiano e tentando ficar sempre apegado aos personagens e suas reações nas difíceis situações cotidianas.

Porém, o período de maior crescimento do cinema se deu após a Segunda Guerra Mundial, com o surgimento da bipolaridade, ou seja, o capitalismo liderado pelos Estados Unidos e o socialismo liderado pela União Soviética, principalmente na segunda metade dos

anos cinquenta e as décadas de 1960, 1970 e 1980, do Século passado, quando o cinema mundial passa a construir uma visão pautada no heroísmo, principalmente das guerras como *O soldado universal*, *Rambo*, *Capitão América*, *RoboCop* e o *Resgate do soldado Rian*.

Por estar centrada nos Estados Unidos da América, a indústria do cinema passou a adotar o critério de promover a imagem norte-americana e a degradação dos seus opressores e ou rivais/inimigos, geralmente a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e seus aliados socialistas.

Nos dias atuais, a indústria cinematográfica é vista como uma das mais prósperas do mundo, com grandes produções que arrecadam altas cifras financeiras e contam com grandes elencos, além de concorrerem às inúmeras premiações como: o Oscar, prêmio Máximo do cinema mundial de Hollywood, Los Angeles e Estados Unidos da América (EUA).

O cinema americano teve seu apogeu durante as décadas de 1910 e 1980 na chamada era do ouro de Hollywood, nos dias atuais passou a dividir seu espaço com produções cinematográficas do resto do mundo. Vários festivais de cinemas surgiram na Europa, como Cannes, na França; San Sebastian, na Espanha; Berlim, na Alemanha; Veneza, na Itália. Na América Latina, surgem na Argentina, o festival de cinema de Mar Del Plata e Las Leña, além dos festivais de cinema de Gramado-RS, São Paulo e Campos do Jordão-SP, no Brasil e, o festival de cinema de Cancun, no México.

As cerimônias de premiações destes festivais atraem a mídia mundial, classificados por categorias pela CICAIE (Confraternização Internacional de Cinemas de Arte e Ensaio), esses festivais são o auge da indústria cinematográfica mundial e são os seguintes:

Festival de Veneza: O festival italiano acontece todos os anos, sempre na primeira semana de setembro, na ilha de Lido, que fica aproximadamente dez minutos de barco de Veneza. Lá fica o Palazzo del Cinema, onde são exibidos os filmes em competição e onde acontece a premiação. A honra máxima é o Leão de Ouro, concedido ao melhor filme.

Festival de San Sebastián: Este festival, que acontece no fim de setembro na cidade basca de San Sebastián, é o evento mais importante da Espanha quando o assunto é cinema. Criado em 1953, ele tem proporcionado o descobrimento de novos talentos que depois são reconhecidos mundialmente pela indústria cinematográfica.

Berlinale: O Festival Internacional de Cinema de Berlim, também conhecido como Berlinale, acontece na capital alemã desde 1952. O prêmio é um Urso de Ouro para o melhor filme e Ursos de Prata para os outros ganhadores. O evento acontece todos os anos, em fevereiro.

Festival de Cannes: Considerada a segunda maior premiação cinematográfica do mundo, o festival de Cannes acontece na cidade litorânea do sul da França desde 1939. Depois da primeira edição, que contou com a participação de pioneiros do cinema como, Louis Lumière, o festival só voltou a acontecer após a Segunda Guerra, em 20 de setembro de 1946. O

Festival de Cannes vai celebrar a sua 65ª edição entre os dias 16 e 27 de maio deste ano.

Prêmios Oscar: Com mais de 5500 membros das áreas dramáticas, técnicas e administrativas da indústria cinematográfica, a maior premiação do cinema mundial acontece anualmente entre o fim de fevereiro e o começo de março em Los Angeles. Desde sua primeira edição, em 16 de maio de 1929, no Hollywood Roosevelt Hotel, este evento da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas reúne as maiores estrelas da telona. A cobiçada estatueta de bronze banhada a ouro, que é entregue aos ganhadores, é chamada de Oscar por causa da sua suposta semelhança com o tio de um dos empregados da Academia. (TERRA, 2012, s/d)

Desta forma, o cinema mundial passou a ser uma das indústrias mais lucrativas do mundo, além de gerar e atrair altas cifras financeiras públicas e privadas. Outro fator positivo para essa indústria é que ela conseguiu, com seu poderio financeiro, monopolizar o mercado mundial; ditando as regras mundiais no âmbito da cinematografia, fazendo dos demais cenários desse meio com menor expressividade, coadjuvantes daquelas.

2.1 O Cinema no Brasil.

A sétima arte, assim como também é conhecido o cinema, chega ao Brasil como forma de lazer, mas, com o passar dos tempos passa a ser percebido como uma estratégia para se conhecer o mundo, o espaço, as culturas, etnias e como uma metodologia para a educação; já que despertava o interesse do conhecer o novo, especialmente nos ambientes urbanos brasileiros, conforme explicita Louro (2000, p. 423).

No Brasil dos anos 40 e 50, o cinema era um “evento social” que mobilizava e fascinava uma expressiva parcela da população urbana. O cinema era também, já naquela época, uma instância educativa potente. Poderosamente, sedutoramente, o cinema se constituía como uma nova pedagogia cultural.

Os filmes passaram a extasiar a população, despertando a sensação em quem assistisse ao filme de estar vivendo aquele momento representado, vindo a se emocionar, das mais variadas formas, ficando tristes, alegres e com isso, passando a viver a história relatada pela película, como se fizesse parte da mesma.

No Brasil, o hábito de frequentar o cinema tornou-se crescente, e com isso, houve uma variação no estilo de filme assistido pela população, o que levou a evolução destes filmes, tais como: aventura, comédia, ficção, ação, terror, dentre outros, que surgiram com o aperfeiçoamento da indústria cinematográfica.

O cinema fez surgir uma nova forma cultural que influenciou a juventude da época como: comportamento, estilo de vida particular, intelectual e posição cultural, a qual surgiu no Brasil num seguimento da população mais politizado, segundo Louro (2000, p. 423):

O cinema constituía-se numa pedagogia cultural muito abrangente, mas que interpelava de forma expressiva e peculiar a juventude. Essa afirmação provavelmente assume o significado especial quando referia aos anos 50 e 60. Essa época, a “juventude” parece se distinguir, de um modo mais efetivo, da vida adulta, adquirindo um significado especial e particular: seu comportamento, suas roupas, seus corpos, sua música, sua dança, sua linguagem e suas estéticas ganhavam, então, um estatuto próprio.

Embora as críticas sejam constantes em relação à arte cinematográfica, e ao cinema brasileiro, a partir deste momento o cinema aparece como meio de diversão cultural, social e educacional. O crescimento do cinema no país se dá de forma quase que homogênea em quase todas as cidades, mesmo as pequenas e distantes dos grandes centros urbanos, tinha ao menos uma sala de projeção. Deste modo, a arte cinematográfica chegou à maioria da população brasileira daquela época. (LOURO, 2000)

Por fim, diante das tecnologias, grande parte da sociedade não está mais ligada ao cinema como antes, pelo fato de serem muitos os aparatos que nos permite ter acesso a um filme, como por exemplo, um computador, ou ate mesmo um celular.

Apesar de serem inúmeras as formas que pode se transmitir um filme, o cinema consagra seu lugar como sétima arte pela Academia de Artes na Europa, no final do século XVIII, mesmo com tantas outras artes como a música, o teatro, por exemplo. O cinema continua encantando, emocionando e abordando críticas sobre diversos assuntos e conteúdos em várias áreas, principalmente em sala de aula, onde o conteúdo pode ser esclarecido e mais dinâmico, durante o processo de ensino- aprendizagem.

2.2 O Brasil e o novo Cinema

No Brasil, a era do novo cinema teve início em 1952 com o I Congresso Paulista De Cinema Brasileiro que veio a combinar na mesma época com o I Congresso Nacional do Cinema Brasileiro. Nestes dois eventos, houve varias discussões e debates com relação ao desmoronamento e degradação que outrora passavam os estúdios cinematográficos da cidade de São Paulo. O desejo da sociedade paulista era de ver o cinema com mais realismo e

acessível a todas as classes sociais, voltado para o neorrealismo¹, na corrente artística de meados do século XX com forte influência européia na época, principalmente as correntes poéticas francesas *Nouvelle Vague*² (Nova Onda) e artística italiana.

Entre os novos cinemas que se destacaram, sobretudo aqueles das décadas de 1960-1970, o cinema brasileiro e o cinema alemão se sobressaíram. O cinema alemão por outro lado, buscou abordar filmes com relação à Segunda Guerra Mundial e a situação vivenciada pela Alemanha do pós-guerra. Neste período, o país vivia tempos de extremas dificuldades financeiras e de perda histórica dos seus territórios conquistados anteriormente, tendo que se adaptar a uma nova realidade. O novo cinema brasileiro procurou focar as questões sociais vivenciadas pela população no seu dia-a-dia como atraso econômico da nação, analfabetismo, escravidão e fome vivida pelo povo do Nordeste na época.

Para Morettin (2009) e Carvalho (2006) os filmes brasileiros, deste momento, objetivavam debater os motivos do atraso do país, promulgando essas discussões em obras fílmicas que representavam a escravidão, o misticismo e as péssimas condições de vida da população nordestina.

Os artistas brasileiros, sobretudo os mais jovens que participaram do I congresso Paulista de Cinema Brasileiro e por seguinte do I Congresso Nacional do Cinema Brasileiro 1952 deram origem a novos parâmetros, estes por sua vez deram bases a novos filmes nacionais. Assim, o governo brasileiro lança um documento, no qual definem as três etapas do cinema brasileiro, as quais, segundo Silva (2013, p.25):

Primeira etapa de 1960/1964, os filmes lançados neste período tem o Nordeste brasileiro como tema principal. Ex: *Vidas Secas* com direção de (Nelson Pereira dos Santos). *Deus e o Diabo na terra do sol*. Com direção de Glauber Rocha que retratam as condições de vida dos habitantes do Nordeste principalmente em períodos de estiagem.

Segunda etapa de 1964/1968 diz respeito ao pensamento destes cineastas com o período da ditadura militar. Nesse momento se destacam os filmes *O desafio* do diretor Paulo Cesar Saraceni, *O Bravo Guerreiro* de Gustavo Dahl e *Terra em transe* Glauber Rocha.

Terceira etapa vai de 1968/1972 relata os desgastes sobre o período da ditadura militar como: repressão, perseguição, censura voltada para o

¹ O Neorrealismo é uma corrente artística de meados do século XX que tinha como intuito o caráter ideológico de esquerda voltada para os ideais marxistas. Essa corrente influenciou varias formas de arte como: literatura, pintura, música e principalmente no cinema neorrealista poético francês e italiano. SILVA, 2013.

² *Nouvelle Vague* é um movimento artístico do cinema francês que surgiu como forma de protestos em que passava e ou vivia a França nos anos de 1970. SILVA, 2013.

movimento do *tropicalismo*³. O dragão da maldade de Guaber Rocha e O Bandido da Luz Vermelha, de Rogério Sganzerla.

Com esse novo ideal contra o poder ditatorial militar, muitos destes autores passaram a sofrer perseguições e torturas. Em muitos casos tendo seus direitos de cidadãos caçados, estes foram exilados e expulsos do Brasil, o que fez surgir no país, os filmes clandestinos. Com o fim do regime militar, esses autores ganham anistia e voltam ao Brasil. Porém, a indústria cinematográfica brasileira enfrenta graves problemas financeiros além da forte e desleal concorrência do cinema norte-americano com suas grandes produções e o emergente cinema argentino.

2.3 Conceitos e gêneros do cinema

O cinema apresenta diferentes formas de conceitos, devido às várias percepções discutidas por estudiosos como Barbosa (2000), Bernardet (1980), Campos (2006) e outros que se debruçam sobre o mesmo objeto de estudo. Portanto, para que se faça uma análise dos conceitos atribuídos ao cinema, é necessário um aprofundamento em relação ao tema abordado e seus gêneros, conforme Bernardet (1980, p. 124):

[...] um complexo ritual [...] que envolve mil e um elementos diferentes, a começar pelo seu gosto para esse tipo de espetáculo, a publicidade, pessoas e firmas estrangeiras e nacionais que fazem e investem dinheiro em filmes, firmas distribuidora que encaminham os filmes para os donos das salas e, finalmente, estes os exibidores que os protejam para os espectadores que pagaram para sentar numa poltrona e ficar olhando as imagens na tela. Envolve também a censura, processos de adaptação do filme aos espectadores.

Para Barbosa (2000, p. 80), o cinema é:

[...] um dispositivo de representação que recorre à tecnologia de produção/ montagem/ metamorfose de imagens visuais que associada à narrativa de drama/ tramas, realiza espetáculos onde significados e significantes entrecruzam – se. Formando por um contexto, uma correlação de ações que atraem a atenção do público em geral.

³“O Tropicalismo foi um movimento musical, que também atingiu outras esferas culturais (artes plásticas cinema, poesia), surgido no Brasil no final da década de 1960. O marco inicial foi o Festival de Música Popular realizado em 1967 pela TV Record. **Influências e inovações.** O tropicalismo teve uma grande influência da cultura pop brasileira e internacional e de correntes de vanguarda como, por exemplo, o concretismo. O tropicalismo, também conhecido como Tropicália, foi inovador ao mesclar aspectos tradicionais da cultura nacional com inovações estéticas como, por exemplo, a pop art.” SILVA, 2013, p.26.

De acordo com Chauí (1997, p.333) cinema atual retrata uma nova forma de arte:

O cinema é a forma contemporânea da arte: a imagem sonora em movimento. Nela a câmara capta uma sociedade complexa, múltipla e diferenciada combinando de maneira totalmente nova, música, dança, literatura, escultura [...] e pelos efeitos especiais, criando realidades novas, insólitas, numa imaginação plástica infinita que só tem correspondente nos sonhos.

Neste sentido, o cinema passa uma percepção de sonhos e de expectativas aos telespectadores. Isso faz deles parte integrante da história e do consenso ao levá-lo a se imaginar dentro da história ou fazer parte da mesma que seja de modo perceptivo.

Desta forma, Campos (2006, p.01), seguindo a mesma linha de pensamento de Barbosa (2000), descreve o cinema como sendo um sistema capaz de contribuir para uma imagem de um novo mundo, conforme o mesmo:

[...] um sistema complexo que através de tecnologia, iluminação, edição, cenário, direção e outros aspectos, podem contribuir para a construção de uma imagem de mundo. Muitas das realidades enfocadas são ausentes estando presente apenas na imaginação dissolvendo fronteiras entre o imaginário e o real.

Além da grande variação de conceitos aqui focalizados, o cinema ainda nos surpreende com um conjunto de “diversidade de gênero” (NOGUEIRA, 2010). Por sua vez, os gêneros cinematográficos têm sua origem na indústria norte-americana como: drama, ação e suspense, dentre outros de cunho narrativo ou descritivo de um fato e/ou história.

O cinema além da variação de conceitos também conta com uma grande diversidade de gêneros como: drama, comédia, aventura, suspense e ação que contribuem para a diferenciação de estilo e modo como é feita essa arte em várias partes do mundo. Com isso, o cinema conseguiu prender a atenção do telespectador, tornando-se mais popular, a partir de diferentes gêneros, a exemplo dos que se seguem, conceituados por Napolitano (2011 p. 61-62):

Drama- Os filmes de gêneros dramáticos geralmente centram suas histórias em conflitos individuais, provocados por problemas existenciais, sociais ou psicológicos, além do dissenso amoroso ou afetivo. Neste caso, o drama costuma partir de um conflito inicial, uma situação tensa que pode ou não ser reparada no desfecho. [...]. Comédia– na comédia, a situações patéticas, jogos de linguagem verbal ou peripécias que levam a mal – entendimento, envolvendo um ou mais personagens. [...]. Aventura- Na aventura o elemento que predomina é a ação, opondo o Bem contra o Mal, narrada em

ritmo veloz e encenando situações – limites de risco ou morte. [...] Suspense – No suspense, mais importante do que a ação em si é a trama, o mistério a ser desvendado, as situações envolvendo peripécias não previstas pelo espectador.

No entanto, além destes gêneros acima descritos, existem outras modalidades como animação, ação, ficção científica, fantástico, musical de terror e faroeste. Esses gêneros estão mais ligados ao cinema norte-americano ganhando maior destaque, a partir da década de 1980, conforme Napolitano (2009, p.11-31):

Ação: Esse tipo de gênero cinematográfico apresenta cenas de perseguição, grandes batalhas, duelos, explosões com objetivo de prender a atenção do público e ou telespectador.

Ficção: Esse tipo de gênero aborda as questões sociais e políticas, exploração espacial e drogas sintéticas, buscando atrair a atenção de um público mais voltado para meios científicos.

Fantástico: Tipo de gênero que está voltado para as questões religiosas e de magia. Abordando conflitos e estilo étnico como Deus e o diabo, o bem e o mal.

Musical: Esse gênero está voltado para a descrição de grandes produções como clipes e produções musicais. Determinando e ou influenciando o comportamento dos personagens.

Western: Tipo de gênero que aborda o conhecido “filmes de cowboy” ou “filmes de faroeste” este compõe um clássico do cinema norte americano. Voltado para os combates e bravuras dos habitantes da parte oeste dos Estados Unidos.

Portanto, todos esses gêneros cinemáticos contribuíram para o crescimento e ou enriquecimento da arte cinematográfica, tanto no Brasil como no mundo. Porém, alguns temas sobressaíram mais que outros por prender a atenção maior do público e isso fez gerar rendas financeiras para a indústria do cinema o que faz dessa uma das maiores e mais rentáveis do mundo girando altas cifras em capital financeiro.

Os subgêneros são reduções das características dos gêneros, que por se tratarem de uma enorme divisão, pode ser tratado como um conjunto específico de características como: drama familiar, drama político, drama romântico, drama psicológico, drama social, drama bélico, a comédia dramática, comédia negra, comédia slapstick, teenmóveis, filmes de tribunal, filmes de prisões, cine-poético e outros. Na concepção de Nogueira (2010, p. 44), o subgênero pode:

Por seu lado, ser uma consequência (sic) de um gênero que perdeu dimensão crítica ou de eleição de um conjunto mínimo de características de um gênero e de rejeição das restantes. [...] um subgêneros pode resultar de uma apropriação regional de um gênero universal.

Portanto, um subgênero se deriva de um gênero que perdeu importância, dando a entender que esse mesmo pode ser resultado da fragmentação de um tema universal que foi reduzido a escala regional. Assim, o tema abordado pode ser mais bem detalhado levando em conta a realidade vivenciada em uma narração com fatos e ou acontecimento local. As três modalidades de mutações por quem passam esses subgêneros: a revisão, derivação e a hibridação fazem destes não estáveis. Segundo Nogueira (2010, p. 13):

A **revisão**: consiste em criar ou revisar um subgênero. Para isso leva em consideração a criatividade principal do gênero ao qual, essa revitalização está retratando.

A **derivação**: é responsável por alterar sobre esses mesmos princípios criativos dos subgêneros, o exemplo disso são as paródias que além de modificarem a parte escrita, altera o som e o sentido da forma seletiva.

A **hibridação**: consiste em apropriar-se de matérias e ou convenções de um gênero e subgênero por outro, em diversas escalas. (grifos nosso).

Por último, os subgêneros são a redução de temas universais abordados pelos gêneros, mesmo assim, os gêneros e subgêneros não são permanentes e sim flexíveis, aptos a mudanças e transformações morfológicas ao longo do tempo, e que suas narrativas e fatos se desenvolvem em um determinado espaço, seja esse de escala universal ou local.

Estes são os aspectos destacados neste capítulo, partiremos agora para o segundo, no qual discutiremos de maneira mais detalhada a linguagem cinematográfica e suas contribuições para o ensino de geografia.

3. A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

No final da década 1970, grandes transformações ocorreram no âmbito da pesquisa e ensino de geografia, momento que ficou conhecido como o Movimento de Renovação da Geografia. A partir de então, vários caminhos foram tomados. De acordo com Cavalcanti, (2002, p.11), isso acontece “para se fazer uma análise crítica da fundamentação teórico-metodológico da ciência geográfica e para se propor alternativas ao modo de trabalhar essa ciência enquanto matéria escolar”.

O ensino de geografia pode levar os educandos a compreenderem de forma ampla a realidade na qual se inserem, mas para que isso venha a ocorrer aos educandos, precisam adquirir conhecimento, e dominarem as categorias e conceitos geográficos, destinados à compreensão das relações socioespaciais desenvolvidas pela sociedade.

De acordo com Cavalcanti (2002, p.12), o ensino escolar “é um processo que contém componentes fundamentais e entre eles há de se destacar os objetivos, os conteúdos e os métodos”. Uma das grandes finalidades da escola, e da geografia, é desenvolver valores, ou seja, combater as desigualdades e injustiças sociais e respeito às diferenças. Contribuindo para construção de uma sociedade cidadã.

O ensino de geografia possui variados conteúdos para ser trabalhado em sala de aula, tornando o aluno um ser mais crítico e capaz de reconhecer e distinguir o espaço em que habita e/ou, seu entorno, gerando mudanças na vida real, não apenas para esse indivíduo, mas no meio em que se insere.

Então, para os professores surge a tarefa de elaborar diferentes métodos didáticos capazes de chamar a atenção dos educandos. Nesse sentido, trabalhar com a linguagem cinematográfica em sala de aula não seria apenas mais um ‘jogar conteúdo’ sem quaisquer preocupações, mas sim, fazer uma reflexão e também uma relação entre educando e o espaço geográfico.

O filme contém características dos autores, sejam elas visíveis ou não, na forma de interpretação, como a fala, os costumes transmitidos através dos roteiros quando retratam um determinado espaço, através da tela reproduzindo os modos de vida da sociedade envolvida no contexto fílmico. Nesse sentido, o cinema como linguagem pode favorecer ao educando a compreensão do espaço geográfico, a fim de que tanto o professor quanto os educandos consigam debater o papel do ser humano na sociedade contemporânea.

Para Campos (2006, p. 01), “o cinema exprime direta ou indiretamente, os valores dos autores do roteiro, do diretor, da sociedade e do momento histórico no qual foi realizado”. Para se ensinar geografia é necessário torná-la compreensível na vida e no cotidiano do aluno para que se desenvolvam valores sociais e comprometimento com suas atitudes.

A geografia como disciplina requer a utilização de distintas linguagens para dar suporte à interpretação do espaço geográfico em sala de aula, conforme consta no Projeto Político Pedagógico da EEEFM Professor Crispim Coelho (2014, p. 48):

Admitir a diversidade de fontes e de linguagens, valorizando as leituras objetivas e subjetivas do mundo. Essas linguagens (cartográfica, textual, corporal e cênica, iconográfica e oral) servirão de apoio para as aulas de Geografia, ou seja, são um instrumento mais adequado para fazer a leitura do meio geográfico e de seu uso, o que supõe o exercício da interdisciplinaridade.

Nos dias atuais estamos vivenciando um período de intensas transformações na sociedade, e em especialmente no âmbito da educação de base que vem conquistando significativos avanços, nos últimos tempos.

Também inserido nessas transformações promovidas pela sociedade e pela escola, essas mudanças perpassam vários fatores, dentre eles, os que influenciam a geografia enquanto disciplina escolar. Porém, muito ainda tem que ser feito para que a escola venha ser vista como local de aprendizagem que transmita prazer e satisfação, tanto para alunos quanto para professores. Nesse contexto, podemos citar a falta de desempenho do aluno na aprendizagem, de diálogo entre aluno e professor e a falta de interesse do aluno pela disciplina de geografia, temas estes frequentemente abordados por autores que discutem novas alternativas para a reelaboração dos conteúdos do processo ensino-aprendizagem.

Atrair o educando ao ensino constitui-se um desafio para a educação atual. O uso de linguagens como o cinema, constitui-se dentre outras linguagens, um importante recurso para a compreensão e interação do educando, conforme afirma Silva (2010, p. 34):

Dispondo de material diverso, o cinema pode ser excelente recurso de linguagem na sala de aula, pelas possibilidades de discussão e argumentação de diferentes temáticas que leve o aluno a reflexão de elementos e fatos do cotidiano, em uma sociedade composta pela diversidade.

Dentre algumas formas de tornar as aulas de geografia mais atrativas para os alunos e mais envolventes podemos citar a utilização de mídias em sala de aula que vem se configurando como uma alternativa didático-pedagógica importante no processo de ensino e

aprendizado. Destacamos o cinema como metodologia de fácil acesso aos conteúdos, através de filmes de distintos gêneros favorecendo uma aproximação maior do aluno com as temáticas trabalhadas, principalmente se o filme escolhido apresentar elementos comuns ao cotidiano. Segundo Napolitano (2009 p. 11-12):

O cinema é campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e “difíceis”, os filmes tem sempre algumas possibilidades para o trabalho escolar.

Refletir sobre as metodologias utilizadas como também pensar as formas usadas na disciplina é de fundamental importância para um profissional da educação. Procurar metodologia que possa facilitar a aprendizagem do discente, que esteja em seu contexto social, através de dialogo aberto poderá tornar as aulas de geografia mais atraentes e inovadoras, diferenciando das antigas práticas pedagógicas aplicadas ainda na atualidade.

3.1 Abordagens sobre o Espaço Geográfico na sala de aula a partir do ‘ espaço filmico’

Antes de iniciarmos o debate teórico acerca do espaço geográfico e sua interpretação acerca do espaço fílmico, apresentamos aqui os sujeitos e o *locus* da pesquisa que originou este trabalho, ou seja, a EEEFM Professor Crispim Coelho⁴. Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) a escola esta localizada a Av. Governador Pedro Moreno Gondim s/n no centro da cidade de Cajazeiras Paraíba.

⁴ Colégio Estadual Prof. Crispim Coelho Cajazeiras PB foi fundado em 1961. Conhecido como Colégio Estadual de Cajazeiras, assim denominado pelo fato de ter sido o primeiro Colégio Público desta cidade a oferecer o Ensino Fundamental e Médio, na época: 1º e 2º graus. O Projeto de Lei da criação do Colégio Estadual foi do então deputado Acácio Braga Rolim e consolidado no governo de Pedro Moreno Gondim. Como não tinha sede própria, começou suas atividades educacionais na Escola Dom Moisés Coelho no centro da cidade, onde funcionou por três anos. Em 1963, no governo de João Agripino, o Colégio passou para sua sede própria, construída num terreno próximo ao Açude Grande, doado pela Prefeitura Municipal de Cajazeiras que tinha como prefeito o Sr. Francisco Matias Rolim.

Figura 1: Vista aérea da EEFM Professor Crispim Coelho, Cajazeiras - PB.



Fonte: www.googlemap.com. Acesso em 23 de fevereiro de 2015.

Ele atende toda a região polarizada por Cajazeiras e mais alguns municípios do estado do Ceará e Rio Grande do Norte. De acordo com o PPP da Escola (2014, p.86) a escola conta com uma boa infraestrutura física, sua área é de 14.375 m². A atual instalação física da escola é formada por 33 salas distribuídas entre administração, salas de aulas, assistência estudantil e auxílio ao professor, além de um pátio externo e um salão interno com auditório coberto, com palco. O quadro de profissionais da escola é formado por um diretor e dois vices diretores adjuntos professores efetivos na maioria das disciplinas, com pós-graduação e três professores temporários complementando o quadro de docentes da escola. O número de aluno está estimado aproximadamente 2.500 alunos distribuídos em três turnos, matutino, vespertino e noturno como também na Educação de Jovem e Adulto (EJA) e o ensino integral (Mais Educação), desde 2013.

Um espaço bastante acolhedor, a referida Escola dispõe de espaços amplos a exemplo dos halls que dão acesso às salas de aula, jardins e outros espaços destinados às atividades de esporte.

Imagem 1: Espaços de circulação da EEEFM Professor Crispim Coelho.



Fonte: Arquivo pessoal, 2014.

Para fins desta pesquisa, elegemos como sujeitos os educandos da turma do 6º Ano A, turno manhã (Ver imagem 02).

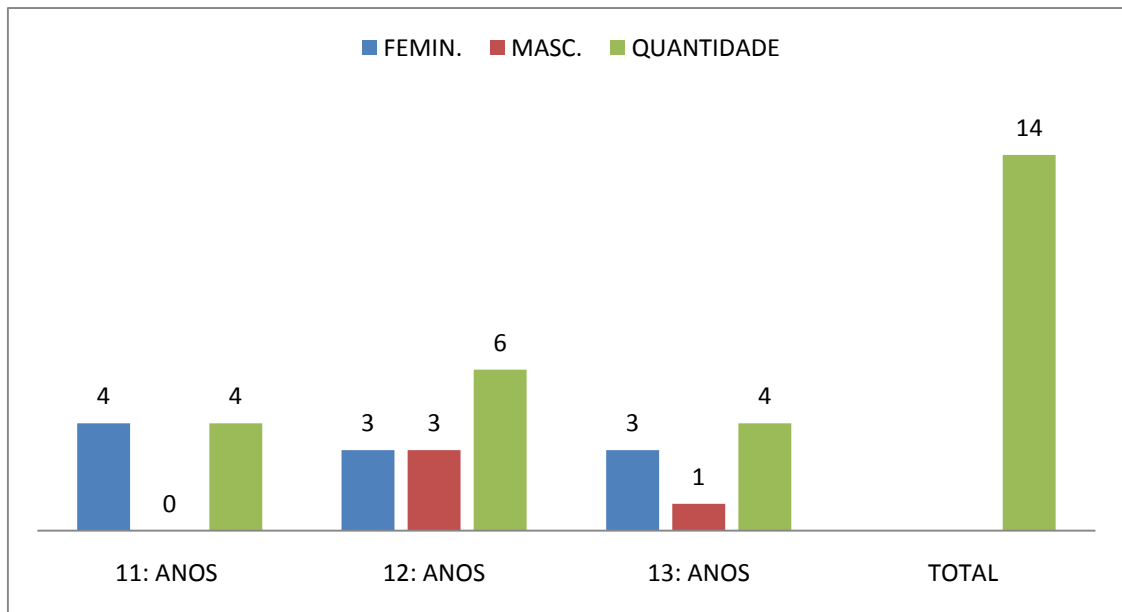
A referida Turma é composta por 14 catorze alunos matriculados com idade entre 11 a 13 anos, sendo 4 do sexo masculino e 10 do sexo feminino, conforme gráfico a seguir:

Imagem 2: Educandos do 6º Ano A da EEEFM Professor Crispim Coelho.



Fonte: Arquivo pessoal, 2014.

Gráfico 1: Total de Alunos Regularmente Matriculados por Idade e Sexo no 6º Ano A na EEEFM Professor Crispim Coelho, Cajazeiras – PB



Fonte: Arquivo da EEEFM Professor Crispim Coelho, 2014. Organizado pela Autora, 2014.

Conhecidos o lugar e os sujeitos da pesquisa, passam-se agora as questões norteadoras deste trabalho, cujo conceito principal pauta-se no espaço geográfico, um resultado das relações sociais de produção.

O espaço geográfico é o espaço transformado através das ações humanas onde essas ações se estendem ao longo do tempo, sobre a superfície terrestre. Portanto o espaço geográfico é a transformação do espaço natural. Segundo Santos, no seu livro intitulado como *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*, o espaço é “[...] um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, sua definição varia com as épocas, isto é, com a natureza dos objetos e a natureza das ações presentes em cada momento histórico”. (SANTOS, 2006, p. 226)

A reprodução do espaço geográfico pode ser relatado por meio do cinema, assim como, as relações sociocultural e ambiental como: festas, crenças, paisagem, população, economia, dentre outros termos que o cinema e a arte cinematográfica podem abordar. Todos podem ser abordados em filmes que mostrem essa temática que é o espaço geográfico. Desta forma, um determinado espaço geográfico pode ser representado, mesmo distante de seu espaço físico vivido, há milhares de quilômetros de onde esse se encontra.

Segundo Barbosa (2000, p.70), o espaço geográfico com a ascensão do cinema se transformou em “recurso de ambiência de personagens, de localização de trama, dos roteiros, dos índices de relações e sentimentos”. Sendo assim, o cinema como linguagem permite a

interpretação e o conhecimento da realidade do espaço geográfico, conforme Corrêa e Rosendahl (2009, p.10):

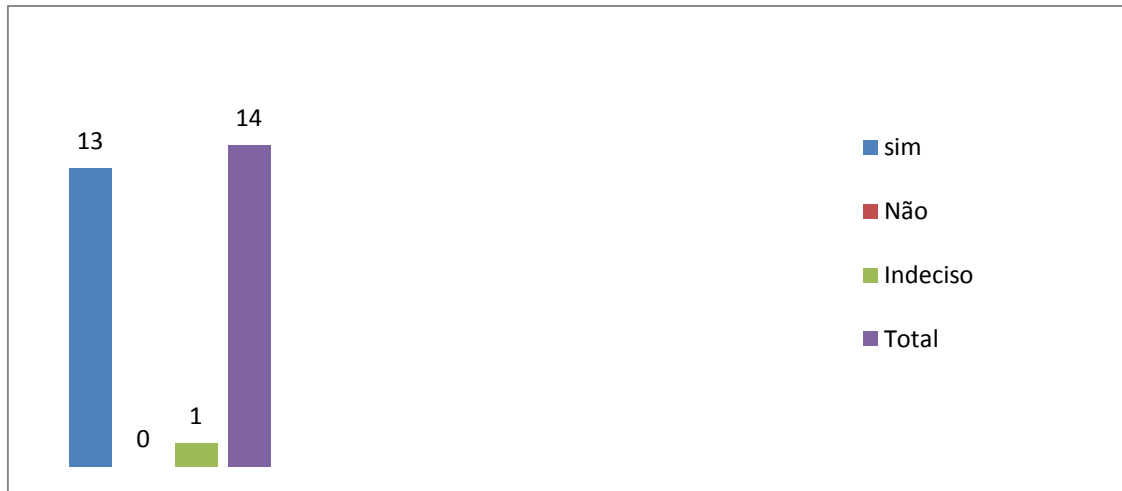
[...] os filmes tanto de documentários quanto de ficção, são representações coletivas a respeito da realidade geográfica. E como tal, podem reproduzir ou desafiar representações coletivas sobre o espaço, lugares e paisagens. Como representações, os filmes são interpretações e reinterpretações pelos telespectadores, que estabelecem uma dada relação com as imagens na tela.

Neste sentido, o cinema pode está presente no nosso cotidiano, auxiliando e facilitando o convívio e o entendimento com o espaço geográfico que habitamos. A partir do momento que o professor de geografia utiliza o filme como um recurso didático, ele pode fazer com que os alunos conheçam um determinado espaço geográfico, sem que seja necessária a presença física neste espaço.

Em uma entrevista feita com os educandos, sujeitos da pesquisa, quando se perguntou aos mesmos acerca do uso de filmes em sala de aula e se esta metodologia é utilizada na EEEFM Professor Crispim Coelho, especificamente nas aulas de geografia e se eles gostam de assistir filmes. Conforme as respostas se identifica uma realidade não muito diferente da registrada nos textos acerca do ensino de geografia, sendo assim considerado descontextualizado e enfadonho. Dos catorze educandos, 93% gostariam de ver filmes relacionados aos conteúdos estudados em sala de aula, e 7% de abstenção, correspondente a um educando. Quanto à utilização dessa metodologia na sala de aula durante todas as aulas, apenas três educandos afirmaram utilizar; enquanto nas aulas de geografia, apenas um educando afirmou que a professora utiliza como pode ser observado no gráfico a seguir:.

Quanto à aceitação por parte dos educandos acerca da utilização de filmes durante as aulas, 93% daqueles afirmaram ser positiva a metodologia.

Gráfico 2: Preferência por filmes durante as aulas de geografia no 6º Ano A, na EEEFM Professor Crispim Coelho, Cajazeiras – PB



Fonte: Organizado pela Autora em pesquisa direta com 14 educandos do 6º Ano A, 2014.

A considerável aceitabilidade da Turma investigada em relação ao uso de filmes na sala de aula, especialmente no ensino de geografia, possibilita o entendimento acerca da produção do espaço geográfico, um produto das relações sociais de produção (SANTOS, 1996), só se torna visível e capaz de interpretação a partir de distintas categorias de análise, quais sejam, estrutura, processo, função e forma (SANTOS, 1982). As categorias das quais fala o autor são indissociáveis na compreensão da realidade, e são: estrutura refere-se à “natureza econômica e social de uma sociedade num dado momento temporal”; processo, “ação contínua visando um resultado implicando tempo e espaço”; função, “atribui atividades e destinos às formas cotidianamente vivenciadas em suas múltiplas dimensões”; e forma, “o aspecto visual de um objeto, seu exterior” (*ibid.* p. 97).

A função exercida numa determinada forma altera substancialmente o processo e a estrutura. Portanto, a abordagem dos conteúdos e conceitos geográficos implica na compreensão dessas categorias abordadas por Santos.

Portanto, a captação de imagens da paisagem de determinadas frações do espaço geográfico implica na percepção da forma, de sua função, da estrutura processo em movimento vivenciado no espaço. Entretanto, não há no cinema atual apenas a captação, o recorte de imagens, mas também o movimento de câmeras que se deslocam e são deslocadas em espaços e tempos diferenciados, captando a cena em sua realidade dinâmica, exercitando de formas subjetivas e objetivas, dinâmicas e fracionadas de interpretação do espaço, requerendo do cinema uma preocupação científica em compreender melhor as formas, funções, estruturas e processos da realidade através da câmera.

Assim, se expressa à importância do cinema no ensino de geografia e nela como um todo, pois, a importância da imagem reflete diretamente na configuração e leitura das relações sócio-espaciais desenvolvidas pela sociedade. Porém, cabe investigar quais as relações existentes entre o cinema e a geografia, a partir de determinados filmes, e quais as geografias contidas num filme, pois, segundo o PPP (2014, p. 45) da referida escola:

O professor deverá proporcionar práticas e reflexões que levem o aluno à compreensão da realidade. Portanto, para que os objetivos sejam alcançados, o ensino da Geografia deve fundamentar-se em um corpo teórico-metodológico baseado nos conceitos de natureza, paisagem, espaço, território, região, rede, lugar e ambiente, incorporando também dimensões de análise que contemplam tempo, cultura, sociedade, poder e relações econômicas e sociais e tendo como referência os pressupostos da Geografia como ciência que estuda as formas, os processos, as dinâmicas dos fenômenos que se desenvolvem por meio das relações entre a sociedade e a natureza, constituindo o espaço geográfico.

Parte-se dos elementos contidos na obra fílmica, por sua vez inerentes à paisagem contida na imagem, há uma recriação realizada pelo cinema, recriando também, novas formas de leitura e interpretação do espaço geográfico e explora atribuindo sentidos à obra cinematográfica, momento em que se dá a interface entre o Cinema e a Geografia, esta compreendida em sua dinamicidade, não como uma disciplina descritiva, mas capaz de interpretação dos fenômenos da sociedade, especialmente quando associada ao uso de metodologias, a exemplo do cinema. Segundo o PPP da EEEFM Professor Crispim Coelho (2014, p. 46):

A Geografia não é uma disciplina descritiva e empírica, em que os dados sobre a natureza, a economia e a população são apresentados a partir de uma seqüência linear, como se fossem produtos de uma ordem natural. Com as novas tecnologias de informação, com os avanços nas pesquisas científicas e com as transformações no território, o ensino de Geografia torna-se fundamental para a percepção do mundo atual. Os professores devem, portanto, refletir e repensar sua prática e vivências em sala de aula, com a mudança e a incorporação de novos temas no cotidiano escolar.

Os temas abordados em relação à disciplina de geografia são amplos e diversos. Estão relacionados com os termos de paisagem, espaço, território, região, lugar, dentre outros. Porém, esses filmes não são produzidos com o objetivo de demonstrar as categorias geográficas e sim de relatar e ou descrever fatos e acontecimentos. Dessa maneira, pode ser trabalhado pela imagem um fator importante para ciência geográfica. Para Geiger (2004, p.11):

O cinema com sua habilidade de criar o real é capaz de compreender o espaço natural, e o espaço construído, e possui aptidão de estabelecer novas maneiras de criar, compreender e modificar o espaço, a exibição de um filme pode contribuir e para a mudança de cultura além de corroborar com a mudança social de uma população.

A leitura e interpretação do espaço geográfico podem ser realizadas a partir da produção cinematográfica, uma vez que o cinema através de suas lentes e imagens permite uma nova visão e um novo modelo de ver e ler o espaço geográfico. Desta forma, a disciplina de geografia destaca-se com o papel de entender a configuração socioespacial estabelecida no filme.

O desenvolvimento do setor tecnológico da indústria cinematográfica foi um dos elementos que permitiu um avanço do cinema a partir da inovação de câmeras mais leves e com o uso de zoom, dando outra dimensão na gravação das imagens que são projetadas nas telas.

Partindo da concepção de espaço geográfico como expressão da produção humana através de relações sociais de produção, nele estão contidas distintas paisagens como expressão do visível e do não visível, ou seja, a paisagem “não é formada apenas por volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons [...]. A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos” (SANTOS, 1996, p. 61-62).

Portanto, ao apreender através da imagem ou de filmagem um determinado aspecto da realidade, se realiza o recorte de uma parcela do espaço geográfico, a qual apreende uma escala, distintos aspectos daquele momento de apreensão de dada realidade, sujeita à análise, pois conforme Bernardet (1980, p. 36) “filmar então pode ser visto como ato de recortar o espaço de determinado ângulo, em imagens com uma finalidade expressiva. Por isso, diz-se que filmar é uma atividade de análise”.

Sendo assim, o cinema passa então a recriar novas formas de abranger e visualizar o espaço (seja esse geográfico e ou não) vivenciado e explorado atribuído à narrativa fílmica. Essa interconexão que ocorre entre o cinema e a geografia serve de base para conhecimento do espaço geográfico no qual estamos inseridos. Para Júnior (2005, p.4):

A “geografia de cinema seriam os estudos e os encontros com a dimensão espacial com a qual os personagens de um filme agem”, ou seja, o filme é a geografia construída e vivida pelos olhares dos personagens, pois ao cinema, o espaço é colocado como sendo uma condição de existente.

O cinema impõe uma ruptura com limites da realidade, dando uma nova forma de reinventar os elementos que cercam o nosso cotidiano. Na película são projetados sonhos e ilusões um jogo amplo de espaço e tempo. Portanto, o geógrafo, no caso o professor, atenta para melhor aproveitamento das linguagens fílmicas, pautadas nas imagens, fazendo com que os espectadores resgatem em suas memórias especialmente vivenciadas em diferentes momentos da sua vida estabelecendo uma relação entre a linguagem geográfica e o conceito de espaço geográfico onde as relações acontecem.

A compreensão da relação de escala do espaço filmado e sua conexão com o espaço geográfico facilita a aprendizagem dos discentes, visto que o cinema retrata, através de suas imagens, contextos socioespaciais diversos, aquilo que nos livros é bastante reduzido, com pequena reprodução de textos históricos. Alguns dos conteúdos trabalhados nos filmes são transversais e interdisciplinares, o que permite aos professores de diferentes áreas do conhecimento, trabalharem juntos e explorarem com mais frequência esse recurso metodológico em sala de aula.

Segundo Filho (2011, p.08) “o cinema e a vida na escola devem ultrapassar a dinâmica do lazer”, porém, sem negá-la. A “escola deve ser ambiciosa e instrumentalizar o aluno para que ele se torne um espectador mais exigente e crítico” (Ibid. p. 08). A partir disso, os filmes em sala de aula podem despertar e estimular um olhar de mudanças sobre sua própria realidade. Por último, o cinema em sala pode ser um instrumento eficiente e prazeroso, pois além de ser atrativo, tem um grande potencial de aprendizado para qualquer público.

Nessa proposta de realizar a pesquisa dispõe-se à apresentação de conteúdos geográficos, a partir do tema: resíduos sólidos como resultado das necessidades humanas, mas também da super exploração da natureza e do consumo exacerbado, por outro lado, das possibilidades de produção da arte, de geração de renda e de garantia de cidadania e dignidade a partir da coleta seletiva de resíduos sólidos, um trabalho realizado por catadores de resíduos no Aterro de Gramacho, em Duque de Caxias, Rio de Janeiro.

Além disso, é importante saber que a narrativa fílmica, se desenvolve num determinado espaço. Nessa conjuntura, o tópico a seguir aborda a questão da representação do Espaço Geográfico através do filme “lixo extraordinário”.

3.2 O Cinema como Linguagem e as Representações do Espaço Geográfico: o Filme *Lixo Extraordinário*

O cinema como linguagem de ensino na disciplina de geografia possibilita a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo dos educandos. Portanto, os procedimentos a serem adotados nas escolas dependem dos critérios de espaço, tempo e conhecimento sobre diversos aspectos sobre o que significa o cinema e a imagem. Por outro lado, muitas das instituições de ensino não disponibilizam de material adequado que venha facilitar essa prática como: textos de apoio, debates oferecidos, atividades didático-pedagógicas e projetos de ação, conforme Gusmão (et. al. 2005, p. 102):

Para que se possa trabalhar [...] de forma mais prazerosa e eficaz, relacionando teoria e prática e vivenciando uma nova atuação do professor voltado para a construção de competências e habilidades favoráveis a vida do aluno e que possam ajudá-lo a compreender melhor o espaço na sua diversidade e problemas, buscando assim um trabalho completo e eficiente, deve se pensar no planejamento do trabalho.

Oliveira (2011, p. 6-7) sugere quatro propostas para o desenvolvimento de uma atividade pautada na linguagem fílmica em sala de aula, quais seja planejamento, apresentação do filme, análise e conclusão do filme, conforme segue:

- *Planejamento e preparação do professor*: o filme escolhido deve seguir alguns requisitos básicos como conteúdo pedagógico adequado para cada turma. O professor deve planejar a exibição do filme tenha a certeza de seus objetivos e se realmente o filme condiz com conteúdo trabalhado.
- *Apresentação do filme escolhido*: antes da exibição é importante que o professor informe aos alunos o referencial do filme (Ano de lançamento do filme, elenco, duração, gênero, premiação e etc.). O professor deve justificar a escolha do filme e observar qual a ação da turma. Sempre que necessário pode fazer pequenas pausas para explicar o conteúdo sobre a visão do filme.
- *Debates e discursos do filme*: de início o professor pode questionar com os discentes a respeito da relação do filme com os conteúdos que estão sendo trabalhados na sala. Após ouvir os discentes, o professor pode expor suas opiniões e destacar a correlação do filme como conteúdo, levando sempre em consideração a opinião dos alunos.
- *Análise e conclusão do filme*: o professor poderá indicar o objetivo da atividade relacionando aos conteúdos desejados, indicando leituras complementares, sites de pesquisas ou desenvolver outras atividades como questionários aplicados em sala (grifos nosso).

Partindo desses pressupostos, organizou um plano de ação para execução após a realização da observação para conhecimento da dinâmica escolar e da sala de aula onde se

realizou a pesquisa. A preocupação central, foi apresentar um conteúdo para entendimento da dinâmica do espaço geográfico a partir do cinema, foi precedida de planejamento prevendo as etapas supracitadas.

Para Napolitano (2009), mais importante que assistir, ou aplicar um filme em sala de aula é construir um mundo de conhecimentos antes, durante e depois desta exibição em sala. A dinamização desta aula para os discentes em relação ao conteúdo e ou tema abordado no que se refere à influência no seu cotidiano a ponto deste adquirir a capacidade de distinguir determinado acontecimento geográfico como um fenômeno natural, uma atividade política, uma ação econômica e acontecimentos situados em determinadas regiões do mundo.

Para tanto, parte-se no planejamento da abordagem de resíduos sólidos considerando a existência de lixões, uma forma resultante das relações sociais de produção travada entre os seres humanos e a natureza da qual fazem parte. A linguagem proposta para execução da pesquisa-ação foi '*Lixo Extraordinário*', um documentário que descreve a vida cotidiana dos catadores de materiais recicláveis, trabalhadores do Aterro Sanitário do Jardim Gramacho, no município de Duque de Caxias, Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro.

Ciente disso, o professor tem a sua disposição um universo de possibilidades para utilizar, filmes em sala de aula. Faz-se necessário, nesse momento explicitar algumas dessas possibilidades. Dessa maneira, a seguir descrevemos de maneira sucinta a história apresentada em '*Lixo Extraordinário*' e suas relações com a vida real.

3.2.1 O Filme

O filme *Lixo Extraordinário* refere-se à categoria documentário, gênero informativo, e aborda o Aterro Sanitário responsável pela recepção de 70% dos resíduos sólidos que vêm da cidade do Rio de Janeiro e de outros municípios da região, sendo considerado um dos maiores do mundo. No primeiro instante, o documentário mostra o sambódromo da Avenida Marquês de Sapucaí, em período de carnaval e os descartes dos materiais utilizados pelas escolas de samba, as quais após realizarem seus desfiles, descartam considerável quantidade desses materiais, os quais serão mais tarde removidos para o Aterro de Gramacho, e posteriormente reaproveitados pelos catadores que dali retira seu sustento.

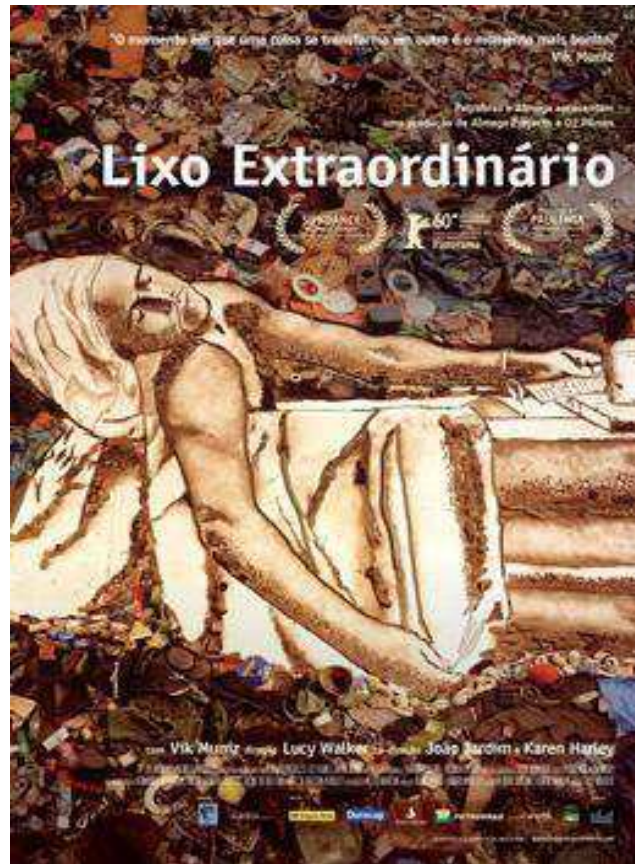
O artista plástico Vik Muniz, através do seu trabalho de transformar o lixo trazido da sociedade em arte, chama atenção, dentre outros fatores para as questões sociais como as desigualdades, a cidadania e a dignidade vividas pelos catadores daquela localidade que retiram do lixo a sua sobrevivência. Porém, através da atividade artística de Vik Muniz, o

Documentário foi premiado diversas vezes nos grandes festivais internacionais, em 2010, ano do seu lançamento.

Nessa exposição foram retratadas as realidades vividas por aquela parcela da população brasileira e através do Documentário fez-se uma denúncia do descaso das autoridades responsáveis com o meio ambiente e com a classe trabalhadora que vive em condições consideradas, abaixo da linha de pobreza ou até mesmo de insegurança alimentar.

O filme relata em detalhes a vida de quatro pessoas que vivenciam o cotidiano deste ambiente, as quais se tornaram personagens principais desta produção cinematográfica, dentre elas Tião, Sebastião Carlos dos Santos, o presidente da Associação dos Catadores do Aterro Metropolitano do Jardim Gramacho (ACAMJG), responsável por tomar as decisões com relação aos associados. José Carlos da Silva Bala Lopes, vulgo Zumbi, considerado um intelectual pelo fato de guardar todos os livros que encontra entre os resíduos que chegam ao lixão. Suelen Pereira Dias, jovem de 18 anos, moradora e trabalhadora no lixão, desde os oito anos de idade. Por último, dona Ísis, Isis Rodrigues Garras, como os demais, trabalhadora no Aterro do Jardim Gramacho, e adora moda, não gosta de trabalhar no lixão e reclama da miséria e situação em que vive. A capa do filme (Ver figura 02) expõe uma das obras de arte produzidas, a partir da imagem do presidente da Associação dos Catadores do Aterro Metropolitano do Jardim Gramacho.

Figura 02: Capa do filme *Lixo Extraordinário*



Fonte: <http://www.cineclick.com.br>.2014

3.2.2. Localização do Aterro Sanitário

O Aterro do Jardim Gramacho está localizado no município de Duque de Caxias, estado do Rio de Janeiro, a cerca de 40 km do centro da cidade. É uma área pertencente à marinha brasileira, ao lado da BR-040 e ao lado da Baía de Guanabara. Recebe 7,5 toneladas de resíduos de cerca de 7,1 milhão de habitantes da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, vindo de muitos municípios da chamada Região da Baixada Fluminense. (Ver figura 3)

Figura 03: Vista aérea do Aterro Sanitário de Gramacho, Duque de Caxias – RJ.



Fonte: Googlemap.com, 2010

3.2.3. Ficha Técnica do Filme *Lixo Extraordinário*

Quadro 1: Ficha Técnica do Filme *Lixo Extraordinário*

Direção: Lucy Walker

Codireção: João Jardim, Karen Harvey

Produção: Angus Aynsley, Hank Lerine

Coprodução: Peter Martin

Produção executiva: Fernando Meirelles,

Gênero: documentário

Musicas: Moby

Edição: Pedra Kos

Direção de fotografia: Dudu Miranda

Codireção de fotografia – Heloisa Pessoa, Aaron Phillips

Mixagem de som: Aloysio compasso e José Lozeiro

Duração: 99 minutos

Formato: Rain

Som: Doly digital 5.1

Janelas: 1:85

Elenco: (Tião) Sebastião Carlos dos Santos

(Zumbi) José Carlos da Silva Bala Lopes

(Suelen) Suelen Pereira Dias

(Iris) Iris Rodrigues Garros

Premiações e participações em festivais internacionais:

Prêmio de melhor documentário internacional

Sundance janeiro de 2010

Festival Internacional de Berlim fevereiro de 2010

Festival Truc/false (EUA) março 2010

Full Frane Documentary Festival (EUA) abril 2010

Dallas International film festival (EUA) março, 2010

Hot Docs international de Montréal (Canadá) maio, 2010

Fonte: <http://www.cineclick.com.br>. Acesso em 23 de fevereiro de 2015.

3.3 Resíduos Sólidos: Retratos do Lixo no *Lixo Extraordinário* - contradição da sociedade capitalista

Até o início do século passado, os resíduos gerados eram restos de alimentos, excrementos de animais, os quais retornavam ao ambiente como forma de adubo, além de outros materiais não orgânicos em quantidades infimamente incomparáveis a quantidade de resíduos sólidos produzidas na atualidade.

Após o advento da Revolução Industrial e com a sociedade moderna capitalista, pautada na alta produtividade e o uso de matérias-primas voltadas à produção e o elevado consumismo, por vezes sem quaisquer preocupações com o ambiente, são rompidos os ciclos antes existentes com a natureza de conservação desta.

No capitalismo selvagem, não há uma preocupação com o ato de reduzir consumo, mas a ampliação deste como reflexo da própria lógica capitalista de consumir mais matérias-primas e produtos e nem sempre há a preocupação em reutilizar, ou reciclar, proliferando o aumento da produção de resíduos sólidos, nem sempre reaproveitados, tornando-se uma perigosa fonte de contaminação para o ambiente ou de doenças para a sociedade.

A proposta trazida pelo filme ‘Lixo Extraordinário’, apresenta duas possibilidades para repensar-se o consumo e o desperdício: a reutilização de resíduos associada à arte e a

catação de resíduos voltada à venda destes para o processo de reciclagem pelas indústrias e a produção de novos materiais. Os resíduos distribuem-se em quatro categorias, apresentadas no quadro a seguir:

Quadro: 2 Classificação dos resíduos sólidos por categoria

Categoria	Reciclável	Não Reciclável
Papel	Caixa de Papelão, jornal, revista, impressos em geral, fotocópias, rascunhos, envelopes, papel timbrado, embalagens longa-vida, cartões, papel de fax, folhas de caderno, formulários de computador, aparas de papel, copos descartáveis, papel vegetal, papel toalha e guardanapo.	Papel sanitário, papel carbono, fotografias, fitas adesivas. Estêncil, tocos de cigarro
Vidro	Garrafas de bebidas alcoólicas e não alcoólicas, bem como seus cacos, frascos em geral, ampolas de remédios, potes de produtos alimentícios.	Espelhos, vidros de janelas, box de banheiros, lâmpadas incandescentes e fluorescentes, cristais, utensílios de vidros temperados, vidros de automóveis. Tubos de válvulas de televisão, cerâmica, porcelana, pirex e marinex.
Metal	Latas de alumínio, sucatas de reformas, lata de folha de flandres, tampinhas, arames, pregos e parafusos, objetos de cobre, alumínio, bronze, ferro, chumbo ou zinco canos e tubos.	Clipes e frampos esponjas de aço
Plástico	Embalagens de refrigerantes, de materiais de limpeza, de alimentos diversos, copos plásticos, canos de tubos, sacos plásticos, embalagens Tetrapak, embalagens de biscoito.	Ebonite (canos de panela, tomadas).

Fonte: Elaboração Própria, 2015.

Também conhecido como ‘lixo’, resíduo sólido é considerado tudo aquilo que não tem utilidade. Várias são as definições de resíduos sólidos, a exemplo da definição feita pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, p.06), na norma brasileira NBR 10.004:

Resíduos sólidos são resíduos nos estados sólidos e semissólidos, que resultam de atividade de origem industrial, doméstica, comercial, agrícola de serviços e de varrição. Ficam incluídos nesta definição os lodos provenientes de sistemas de tratamento de água, aqueles gerados em equipamentos de instalações de controle de poluição, bem como determinados líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de

esgotos ou copos de água, ou exijam para isso soluções técnicas e economicamente inviáveis face à melhor tecnologia disponível.

Segundo o Inventário Energético dos Resíduos Sólidos Urbanos (2014, p. 8), os resíduos sólidos podem ser classificados segundo sua origem, ou de acordo com suas características físicas. Quanto à origem, podem ser: “Urbanos: provenientes de residências, atividades comerciais, varrição de ruas, podas de árvores e similares; Industriais: gerados pelos processos de transformação; ou Agrícolas: decorrentes da atividade produtiva do setor primário”. Quanto às características físicas, podem ser: “Materiais inertes: vidros, metais, terras, cinzas e restos inertes; ou Materiais combustíveis: papéis, cartões, plásticos, madeira, gomas, couro, alimentos e outros”.

No tocante à composição média e produção, os resíduos sólidos urbanos no Brasil classificados em matéria orgânica, recicláveis e outros, conforme segue:

Tabela 1: Composição Média e Produção de Resíduos Sólidos Urbanos no Brasil

		Papel	Plástico	Vidro	Metal
Matéria Orgânica	59,0%	-	-	-	-
Recicláveis	36,0%	18,5%	12,3%	3,1%	2,1%
Outros	5,0%	-	-	-	-
Produção de RSU [Mt]	62,87	11,63	7,76	1,94	1,32

Fonte: Inventário Energético dos Resíduos Sólidos Urbanos, 2014.

Para melhor ilustrarmos os resultados da reciclagem no país, o referido Inventário apresenta também os índices de reciclagem de embalagens PET e latas de alumínio, conforme tabela, a seguir (*ibidem*: 2014 p.12):

Tabela 2: Índices de reciclagem de embalagens PET e latas de

<i>País/região</i>	<i>Alumínio Latas (2010)</i>	<i>PET (2010)</i>
<i>BRASIL</i>	98,0%	56,0%
<i>Japão</i>	92,6%	72,1%
<i>Argentina</i>	91,1%	34,0%
<i>Europa</i>	64,3%	55,0%
<i>Estados Unidos</i>	58,1%	29,1%

Fonte: ABAL, 2009 e CEMPRE, 2008.

De acordo com os resultados da tabela supracitada, a reciclagem de resíduos sólidos produzidos por uma sociedade em um país é um indicador de desenvolvimento, pois, em muitas das cidades brasileiras, por exemplo, os resíduos são descartados aleatoriamente em lixões ou em terrenos baldios, degradando o meio ambiente em suas múltiplas dimensões. O Brasil ocupa, portanto, no ano de 2010, o primeiro lugar na reciclagem de latas de alumínio e embalagens do tipo PET.

No Brasil, a Política Nacional dos Resíduos Sólidos, (PNRS) regida pela Lei Nº 12.305/2010 aborda o consumo sustentável como elemento participante e determinante de uma gestão eficaz para os resíduos sólidos. Esta lei trata do consumo sustentável como elemento indissociável para alcançar uma sociedade mais sustentável. No que diz respeito aos processos produtivos, a legislação não separou o consumo da produção, deixando claro que o problema do crescimento e o acúmulo de resíduos sólidos podem ser mitigados com ações de consumo sustentável, que têm como objetivo, a diminuição ou a não geração destes resíduos. Segundo essa lei (BRASIL, 2010), em seu Art. 1º ressalta que:

Instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos, dispondo sobre seus princípios, objetivos e instrumentos, bem como sobre as diretrizes relativas à gestão integrada e ao gerenciamento de resíduos sólidos, incluída os perigosos, as responsabilidades dos geradores e do poder público e aos instrumentos econômicos aplicáveis.

A Política Nacional de Resíduos Sólidos é importante para gerenciar resíduos, pois, constitui diretrizes que contemplam o meio ambiente e a inclusão social. A partir do momento que os resíduos sólidos vão para os ‘lixões’, atualmente vem sendo substituído pelos ‘aterros sanitários’, um grupo de pessoas desempregadas, também denominadas como ‘catadores’, os recolhe para reciclagem, por conseguinte, o ‘lixo’ passa a deixar de ser tão somente um

problema, mas também uma solução através da geração de trabalho e renda para diversas famílias que vivem em condições subumanas e desempregadas.

A reciclagem de resíduos sólidos promove um equilíbrio maior entre a produção de matérias-primas, a reutilização de produtos destinados aos lixões e, por conseguinte, evita a extração de mais matérias-primas, evitando a degradação ambiental.

Embora, os lixões e aterros sanitários, dentre outros locais onde se realizam a coleta de resíduos sólidos, sejam em geral os responsáveis pela oferta de resíduos destinados à reciclagem, o documentário 'Lixo Extraordinário' além de demonstrar esta atividade no Aterro de Gramacho, retrata outra fonte de utilização de resíduos demonstrada pelo artista Vik Muniz, a reutilização; quando procura dar vida aos catadores, a partir da ressignificação de sua atividade de trabalho através da arte. O artista demonstra, o lado positivo de uma realidade perversa gerada pelo consumismo exaltado pelo meio de produção capitalista, além do subemprego, da pobreza e das condições subumanas a que são submetidos os trabalhadores, catadores de resíduos.

O filme *Lixo Extraordinário* demonstra a trajetória de Vik Muniz no Brasil com o intuito de produzir arte em retratos com utilização do 'lixo'. Com o auxílio dos catadores, utiliza assim os materiais encontrados no Aterro de Gramacho para produzir obras de arte com a imagem dos trabalhadores, catadores de resíduos.

O filme retrata a vontade de um artista em ver o lado positivo na parte negativa da sociedade. Os atores principais são sete catadores de materiais recicláveis, os quais, através de suas histórias de vida, demonstram a realidade na qual a sociedade insiste em camuflar. O tema principal desta obra cinematográfica foi à relação da arte com a vida de pessoas humildes, enfocando principalmente as dificuldades e também as condições socioeconômicas de vida no cotidiano.

O artista fotógrafo convidou os catadores que iria trabalhar a partir de uma caminhada e do reconhecimento da realidade do Aterro de Gramacho. Para tanto, prometeu-lhes que as obras produzidas seriam destinadas a um leilão em Londres, cujos resultados financeiros seriam revertidos em favor dos trabalhadores, aumentando as expectativas daquela comunidade, a partir da produção de 'retratos do lixo', conforme disse o Fotógrafo Vik Muniz.

Segundo ele propunha, gostaria de levar uma pessoa simples e humilde para um ambiente completamente diferente do vivido no cotidiano. O escolhido foi à imagem de Tião, composta apenas por resíduos sólidos, foi seu primeiro contato com arte moderna, a obra

“Marat, Sebastiao: Retratos do Lixo”, foi arrematada por 28 mil libras. Em seguida, todos os envolvidos foram convidados a uma exposição no museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro.

O cenário do filme expõe a desigualdade social evidente através dessas cenas, nas quais as pessoas pobres que nunca tiveram acesso aos museus de artes se tornaram autores de obras apreciadas por todos. Os ‘Retratos do Lixo’ renderam mais de 250 mil dólares. De acordo com o filme, todos os catadores envolvidos na exposição mudaram qualitativamente as suas vidas.

3.3.1. Temas abordados

O filme *Lixo Extraordinário* refere-se a uma história real que traz como temas centrais dignidade, meio ambiente e cidadania, uma expressão da dinâmica resultante da luta travada pelos seres humanos, durante a conquista e construção do espaço geográfico como expressão das relações sociais de produção, mediadas pelo trabalho humano e pela exploração da força de trabalho humana, assim como pela utilização dos recursos naturais em larga escala, segundo os ditames do modo de produção vigente.

Considerando a dinâmica de alta produtividade almejada pelo capitalismo, associada aos altos níveis de consumo e ao desperdício, resultando na alta produção e utilização massiva de materiais descartáveis, por conseguinte, de resíduos sólidos os quais são despejados diariamente na natureza, quase sempre sem quaisquer tratamentos, mas que ao mesmo tempo em que gera desperdício, contaminação ambiental, gera também renda para trabalhadores desempregados, configurando-lhes dignidade e cidadania, além de trazer benefícios ao meio através do tratamento racional dos resíduos e do processo de catação, destinada à reciclagem, ao reaproveitamento ou à venda de resíduos sólidos.

3.3.1.1 Meio Ambiente

O Meio ambiente compreende fatores bióticos e abióticos, e é caracterizado como sendo um anexo de regras de ordem química, física e biológica que rege toda forma de vida na terra. Segundo Sanchez (2008, p 21), meio ambiente é o “meio de onde a sociedade extrai os recursos essenciais à sobrevivência, é também o meio de vida, cuja integridade depende da manutenção de funções ecológicas essenciais à vida”. Dessa maneira, ao mesmo tempo em que é explorado o meio ambiente ele deve ser preservado, evitando a sua deterioração.

Com os desenvolvimentos de novas técnicas industriais e com a globalização, onde o consumo excessivo faz com que a população consuma cada dia mais, contribuindo com isso para um acúmulo maior de resíduos sólidos, vindo dessa maneira a afetar e prejudicar o meio ambiente.

O lixo ou resíduos sólidos é uma ameaça para a vida, e representa um risco, ao meio ambiente e a sociedade. Esta produção de resíduos sólidos aumenta à medida que a industrialização e a urbanização vão crescendo. De acordo com Sewell (1978, p.216),

Os resíduos sólidos são os materiais indesejados pelo homem que não podem fluir diretamente para os rios ou elevar imediatamente para o ar [...] estão incluídos nos materiais como: jornais velhos, garrafa de vidro, latas metálicas, copos de papel, garrafas plásticas.

Todos esses materiais podem ser para reciclagem. O documentário Lixo Extraordinário nos retrata isso quando um dos catadores de Jardim Gramacho, Valter dos Santos diz:

Suponhamos que cada casa gere um quilo de lixo e um quilo de lixo gere quinhentos gramas de material reciclável, em mil residências isso se transforma em quinhentos quilos de material reciclável, já é menos que vem dentro dos rios, lagos entupindo esgotos, dentro de valas ou até mesmo vindo para o aterro, fazendo assim grande mal a natureza e ao meio ambiente. (LIXO EXTRAORDINÁRIO, 2010)

Os mais variados problemas ambientais também são visíveis no filme como: desmatamento de área, contaminação do ar pela fumaça da queima do lixo, poluição dos cursos d'água pelo chorume que deságuas na Baía de Guanabara. Como sabe-se, os lixões comportam todo tipo de resíduo que vai do mais simples como os orgânicos a materiais hospitalares e lixos tóxicos que na sua grande maioria são jogados sem controle.

Figura 4: Aterro Sanitário de Jardim Gramacho, Duque de Caxias- RJ.



Fonte: [http/ www.cineclick.com.br](http://www.cineclick.com.br), 2010.

Logo, a coleta seletiva é uma das alternativas apresentada neste documentário para preservação do meio ambiente e da vida na terra. Logo, Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais do Meio Ambiente – PCN, (BRASIL, 2001, p.181):

De fato, o que se tem de questionar vai além da simples ação de reciclar, reaproveitar, ou, ainda, reduzir o desperdício de recursos, estratégias que não fogem, por si, da lógica desenvolvimentista. É preciso apontar para outras relações sociais, outros modos de vida, ou seja, rediscutir os elementos que dão embasamento a essa lógica.

Desse modo, a sociedade precisa de novos hábitos de vida, novas atitudes, e, isso só pode ocorrer a partir da conscientização da sociedade e das Políticas Públicas vigentes. Pensando assim, como se utilizar dos recursos naturais de forma racional e não de maneira que venha a por fim no meio ambiente.

A educação ambiental é uma das soluções para conscientização da sociedade, para assim aumentar as formas mais sustentável de interação, entre sociedade/ natureza, originando soluções para diversos problemas ambientais. A educação é sem dúvida o que pode mudar os problemas ambientais no planeta. E com certeza é a condição necessária para que aconteça.

Nesta conjuntura fica evidente que a importância de educar é necessária para que haja um modo responsável de conservar o meio ambiente de hoje, para que no futuro possa desfrutar dos benefícios do mesmo. Dessa maneira, trabalhar educação ambiental com a vida dos educandos se faz necessário, pois o meio ambiente faz parte da vida destes. E a geografia,

como uma das disciplinas que visa tornar cidadãos críticos pode vim a contribuir muito no processo de preservação do meio ambiente.

3.3.1.2 Dignidade

Vários são os conceitos de dignidade, mas, segundo Sharlet (2007, p.62):

A dignidade da pessoa humana é uma qualidade intrínseca, inseparável de todo e qualquer ser humano, é característica que o define como tal. Concepção de que em razão, tão somente, de sua condição humana e independentemente de qualquer outra particularidade, o ser humano é titular de direitos que devem ser respeitados pelo Estado e por seus semelhantes. É, pois, um predicado tido como inerente a todos os seres humanos e configura como um valor próprio que o identifica.

Desse modo, a dignidade é a qualidade essencial, ou seja, própria de todo ser humano. Por tanto, é o que aqueles cidadãos excluídos da sociedade querem justiça, igualdade e direito. Podendo ser reconhecidos como sujeitos de direitos, direitos esses que devem ser efetivados pelo Estado e pela sociedade. Dignidade de um trabalho justo com os mesmos, direitos dos demais cidadãos inseridos na classe social. Quanto ao respeito, por trabalharem em local inapropriado para o ser humano, são passíveis de preconceitos, visto com outros olhos “os olhos da marginalidade” pela própria sociedade, sem esquecer a qualidade de vida, que esses cidadãos não têm, estando sujeitos a doenças que um lugar insalubre proporciona.

Logo é essa dignidade que os catadores do Aterro do Jardim Gramacho almejam, não passa pelas maiores riquezas e sim, pela defesa da sua honra e que venham ser visto não como “problemas” para a sociedade, mas como pessoas que assim como os chamados cidadãos da “classe alta” também tem seus direitos e deveres a ser assistidos.

Dessa maneira, o artista Vik Muniz deixa claro essa ausência de dignidade quando em sua fala diz: “O lixo é para onde as pessoas jogam o que não querem mais, assim como os catadores de lixo que vivem à margem de uma sociedade”. De acordo com Silva (1998, p.84).

A ausência de dignidade possibilita a identificação do ser humano como instrumento, coisa – pois viola uma característica própria e delimitadora da própria natureza humana. Todo ato que promova o aviltamento da dignidade atinge o cerne da condição humana, promove a desqualificação do ser humano e fere também o princípio da igualdade, posto que seja inconcebível a existência de maior dignidade em uns do que em outros.

As cenas do filme ultrapassam os limites do Aterro, pois mostram a moradia dos catadores. Suelen, uma das mulheres que Vik escolheu para fotografar, mostra sua casa no Jardim Gramacho, sem infraestrutura, saneamento básico, moradias construídas em madeira, e a higiene e conforto são precários. A falta de planejamento e a aceleração da ocupação irregular dos solos urbanos pela população, dentre elas, os catadores resulta em moradias irregulares e situações miseráveis de sobrevivência.

Ciente disto, todo ato como este citado que atinge as condições humanas, promove assim a desqualificação em suas vidas, ferindo o princípio de igualdade de direitos, portanto, não confere dignidade aos cidadãos, tampouco cidadania.

A conclusão das obras de arte e o convite posterior aos catadores para que viessem conhecer a produção artística na qual suas imagens se inseriam se apresentou nas cenas como momentos de espanto, alegria e reconhecimento acerca da autoestima elevada a partir do reconhecimento da importância de seu papel desempenhado na coleta de resíduos, assim como da possibilidade de sentirem-se importantes em cenários nunca antes percorridos, como fora suas visitas aos museus e as atividades nas quais contribuíram para construção das obras de arte, como as que se seguem.

Figuras 5 e 6: ‘Retratos do lixo’ com a imagem de catadoras.



Fonte: <http://www.cineclick.com.br>, 2010.

3.3.1.3 Cidadania

Segundo o Dicionário Houaiss (2008 p.158), “Qualidade ou condição de cidadão é o ato de obter condições de sobrevivências sem que seja preciso recorrer outros meios

constrangedores”. O que não é o caso daquelas pessoas que vivem literalmente do lixo e no lixo, dependendo deste para a sua sobrevivência.

Conceituar cidadania implica na necessária discussão acerca de seu surgimento, associado à participação política, advindo da polis Cidade-Estado Antiga, sobre a qual se assentou este conceito. Segundo Cardoso, (1985, p. 28-29) atento aos estudos da polis Grega e Romana, as relações entre o poder e a sociedade foram significativamente alterada em função de aspectos econômicos, da arte bélica e da técnica, e mais tarde, da política. Com o passar dos tempos, além desses aspectos dimensionais, o conceito de cidadania foi incluído no âmbito das esferas jurídicas e moral, atentando-se para os direitos civis e sociais (MARSHALL, 1967).

Nas concepções de Marshall (1967) e Barbalet (1989) o conceito de cidadania está relacionado às questões que envolvem a desigualdade social, pois embora tenha havido maior inclusão de pessoas com acesso a igualdade de direitos, mediante o caráter reivindicatório das lutas sociais dos Séculos XIX e XX, a cidadania plena, a igualdade e a garantia plena de direitos de todos os cidadãos, ainda não estão acessíveis a todos.

O filme *Lixo Extraordinário* apresenta uma situação gerada no seio da sociedade capitalista cujo modo de vida pautada na alta produtividade exaure de um lado o meio ambiente e os trabalhadores através da exploração do trabalho, por outro o consumo exacerbado, alienação dos seres humanos, a produção de resíduos sólidos em larga escala, a degradação e contaminação do meio ambiente com o depósito de resíduos em áreas impróprias demandantes de tratamento adequado desses resíduos, além do desperdício de matéria-prima com a alta produtividade de materiais reutilizáveis.

O aumento do desemprego tem levado a muitos cidadãos a buscarem alternativas, por vezes subumanas, como afirma um dos catadores ao perceber que estava sendo filmado: “- Olha o cara deve está dizendo: estamos filmando um bando de animais” (LIXO EXTRAORDINÁRIO, 2010), pois uma vez violados os direitos humanos, externa-se o processo de pauperização na periferia do capitalismo.

Figura 7: Catador de resíduos sólidos.



Fonte: [http/ www.cineclick.com.br](http://www.cineclick.com.br), 2010.

A organização social dos catadores através da formação de uma cooperativa de catadores consiste numa forma organizada, associativa e cooperada, encontrada para buscar oportunidades de trabalho e renda num contexto de exclusão social, exigindo para além de seus direitos e deveres políticos, a atuação legítima dos cidadãos pela garantia de espaço e de direitos iguais para a obtenção da cidadania juntos aos organismos públicos.

Diante da temática exposta, parte-se para a pesquisa na EEEFM Professor Crispim Coelho com o objetivo de trabalhar o conteúdo resíduo sólidos, a partir da linguagem fílmica, conforme foi proposto em nossas primeiras conversas na referida escola, por ocasião da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A realização da pesquisa mostrou o cenário da geografia proposto pela estrutura curricular da educação brasileira e, da referida Escola.

4. QUAL (IS) GEOGRAFIA(S) QUE SE ENSINA NA ESCOLA?

Por ser uma ciência voltada para o tradicionalismo desde sua criação seguidor dos modelos focados no centralismo individual, a geografia ainda carrega vestígios dessa tradição, possíveis de ser encontrados na sociedade atual. A consequência que esse modelo de ensino da geografia traz é visto em salas de aula tais como: pouco interesse pela disciplina por parte dos alunos, descasos e ou desinteresse por parte dos professores em planejar aulas dinâmicas, que são sempre seguidores do livro didático e não buscam complementar o ensino aprendizagem com metodologias inovadoras. E isso se reflete na realidade que foi ou é a Geografia como disciplina.

Observando a história da educação brasileira, verifica-se que as escolas já foram bem mais rígidas em suas metodologias. A relação escola aluno nesse tempo era uma relação de angústia, já que não se ouvia opiniões e nem se podia falar da sua realidade e dos seus pensamentos. Nos dias atuais, a escola vem tentando discutir e desenvolver uma percepção de dialogo mais aberto tanto com a sociedade como em sala de aula onde todos possam ter voz ativa para expressar suas opiniões sem repreensões.

O ensino de Geografia desde a sua criação baseia-se em descrição da Geografia tradicional que busca apenas a memorização conteúdo e o deposito de conhecimento nos educandos. Para Paulo Freire (2005), o fator educar não segue o caminho onde só um dos elementos envolvidos (no caso, o professor) é municiado de conhecimento, enquanto o outro lado (o educando), apenas absorve o que vem deste sem contestar e ou dar a sua opinião.

A partir desse contexto entende-se que a educação é uma fonte libertadora, fazendo com que o educando pense e desenvolva suas habilidades, tornando-se o aprendizado prazeroso para ele e não sendo visto como um regime obrigatório que ao invés de libertar oprime, conforme afirma Freire (2005, p. 66):

Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicador e depositor que os educandos, meros incidências recebem pacientemente, memorizam e repetem”.

A partir dessa concepção, a educação surge com único intuito de oferecer aos discentes o deposito de conhecimento, cabendo a eles guardar-los e arquivá-los. Freire (2005) relata que a concepção de visão panorâmica como sendo de transferir e transmitir conhecimento. Ao educador que tudo sabe, cabe entregar e transmitir conhecimento aos que

“nada sabem”, “os educandos”(ibid.). Paulo Freire, em seu livro, *Pedagogia do Oprimido* relata alguns pontos dessa educação tradicional e bancária que se estende ao longo do tempo:

- O educador é o que educa; os educandos, os que são educados.
- O educador é o que sabe, os educandos, os que não sabem.
- O educador é o que pensa e os educandos os que são pensados.
- O educador é o que disciplina, os educandos os disciplinados.
- O educador é o que opta e preserva sua opção, os educandos os que conseguem a prescrição.
- O educador é o que atua os educandos os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador.
- O educador escolhe os conteúdos programáticos, os educandos jamais ouvidos nessa escolha acomodam - se a eles.
- O educador identifica a autoridade do saber como se fosse a sua autoridade funcional que impõe categoricamente aos educandos esses devem adapta-se as determinações daquele.
- O educador finalmente é o sujeito do processo, os educandos meros objetos. (FREIRE, 2005, p.67)

Portanto, um ensino de concepção tradicionalista dificulta por vezes a produção de conhecimentos emancipadores, restringindo-se a transmissão de conhecimentos pelo professor e a memorização pelos educandos, comprometendo o ato reflexivo. Desta forma, o conhecimento não serve como aprendizagem já que esse advém apenas de uma das partes inserida nesse contexto, sobretudo a ‘parte dominante’ e ‘conhecedora desse processo’. O aluno fica limitado ao espaço restrito e administrado pelo conhecimento do professor, portanto, pode apresentar dificuldades de caminhar com suas próprias habilidades. (FREIRE, 2005)

O advento da educação libertadora proposta por Freire uma educação transformadora para a relação educador-educando e educando-educador, assim como dos resultados do processo ensino-aprendizagem, a partir da mudança nos métodos de ensino e nas concepções pedagógicas. Agora, não mais o educador é o detentor do conhecimento, o mesmo agora passa a dividir e compartilhar as suas idéias com o educando que a partir desse novo processo, passa a ser também, sujeito na construção do conhecimento.

O educador já não é apenas o que educa, mas o que, enquanto educa é educado, em um diálogo com o educando que, ao ser educado também educa. Ambos assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos, do que os argumentos da autoridade já não valem. (FREIRE, 2005, p. 79).

Portanto, o professor não é o que domina, mas sim o que educa para o mundo, a partir do momento em que os educandos deverão ter sua visão crítica e reflexiva sobre o espaço em que vive, concebendo-o como fruto das relações sociais de produção e, a partir dessas percepções, tenham condições de agir como sujeitos construtores, modificadores e transformadores do espaço. A concepção de aula na qual apenas o professor falava e ditava regras deixa de fazer parte do cotidiano escolar de algumas instituições para dar lugar a uma aula dinâmica, inovadora e participativa, onde o aluno é parte importante nesse novo processo de ensino, segundo Castrogiovanni (2007, p. 42):

Muitos ainda acreditam que a geografia é uma disciplina desinteressante e desinteressada, elemento de uma cultura que necessita da memória para reter nome de rios, países, regiões altitudes etc. Nesta primeira década do século XXI, a Geografia mais do que nunca, coloca seres humanos no centro das preocupações, por isso pode ser considerada também como uma reflexão sobre a ação humana em todas as suas dimensões [...]. Na realidade, ela é um instrumento de poder para aqueles que detêm os seus conhecimentos.

Conforme o PPP da EEEFM Professor Crispim Coelho (2014 p. 15):

A Geografia compõe o currículo do ensino fundamental e médio e deve preparar o aluno para: localizar, compreender e atuar no mundo complexo, problematizar a realidade, formular proposições, reconhecer as dinâmicas existentes no espaço geográfico, pensar e atuar criticamente em sua realidade tendo em vista a sua transformação.

Nos dias atuais o uso de novas ferramentas de trabalho deve auxiliar no desenvolvimento da atividade docente, além de facilitar o desempenho das suas funções. Uma destas ferramentas que mais vem ganhando destaque em sala de aula é o uso dos recursos áudio visuais “filmes” relacionados ao conteúdo geográficos em sala de aula. O cinema enquanto ferramenta de trabalho em sala de aula quando bem aplicado vem transformando para melhor o processo de ensino/aprendizagem, em sala de aula e melhorando o convívio aluno “clientela” escola “entidade” o que faz desta parceria algo positivo em se tratando da educação de base.

Sob a ótica de Rocha (2008), o cinema é instrumento coletivo que auxilia no desenvolvimento do pensamento e da atividade do educando e, também do professor. Entretanto a falta de informação sobre o assunto e ou comodismo de inovar por parte de alguns professores faz desta metodologia um estratégia de fazer ‘passar o tempo’ apenas para preencher horários quando o professor se ausenta ou, simplesmente não planejou sua aula

adequadamente. Desta forma, a linguagem fílmica perde a importância e o sentido, por não trazer o benefício almejado para os educandos, já que o conteúdo é desconectado do cenário apresentado pelo filme.

Assim, ao invés de tornar o ensino prazeroso e inovador, torna o ensino burocrático, sem inovação e menos atraente por parte dos educandos, os quais, atentos, podem perceber a desconexão do conteúdo com o filme apresentado, além de outros interesses obscuros que porventura possam existir. Seguindo o pensamento de Freire (2008, p.13), tanto os professores quanto a escola devam utilizar a linguagem fílmica proveitosamente, uma vez que:

Não há diferença nem distância entre a ingenuidade e a criatividade, entre o saber de pura experiência feita e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. É preciso que haja essa ruptura no ensino de geografia, com seus métodos tradicionais para que se venha abrir através dessa, novos caminhos que dinamize o conhecimento e com isso a disciplina de geografia passe a ser mais bem aceita pelos alunos e melhor trabalhada pelos professores em sala de aulas.

A função do audiovisual não é só agir como mero suporte na transmissão tradicional do saber, e sim é preciso pensar os meios de comunicação como fonte válida de pesquisa, auxiliar e importante na investigação científica. Desconsiderá-los é subestimar seu valor informativo e, por que não, pedagógico, um erro tão fatal quanto confiar em uma possível neutralidade dos mesmos e, deles fazer uso sem considerações críticas.

Assim como outras metodologias de ensino, o cinema deve convergir para o enriquecimento do ambiente proporcionando à escola, aos educandos e professores a construção de um conhecimento criativo e dinâmico.

O ensino de geografia possui variados conteúdos para serem trabalhados em salas de aulas. Tornando o aluno um ser mais crítico, capaz de reconhecer e distinguir o espaço em sua volta e ou entorno. De maneira que gere mudanças na vida real deste. Então, para os professores surge a tarefa de reelaborar conteúdos diferentes e métodos capazes de prender a atenção dos mesmos. Nesse sentido, trabalhar com a linguagem cinematográfica em sala de aula não seria apenas mais um ‘jogar conteúdo’, mas sim, fazer uma reflexão e também uma relação entre a escola e o espaço geográfico.

Segundo Pelegrino (2009), é de se considerar o cinema uma forma de manifestação das percepções humanas, inseridos no ambiente de práticas e representações culturais,

políticas e ideológicas de seu tempo. A autora esclarece que um filme tem que ser e ou transmitir um diálogo a ser pensado a respeito do que o filme retrata.

Para Campos (2006, p. 01), “o cinema exprime direta ou indiretamente, os valores dos autores do roteiro, do diretor, da sociedade e do momento histórico no qual faz realizado”. Desse modo, o filme trás características, sejam elas visíveis, ou não, dos autores, na forma de interpretação como a fala, os costumes dos roteiros quando retratam um determinado espaço através da tela e dos modos de vida da sociedade envolvida nesse contexto de relatos.

O cinema e o ensino de geografia proporcionam aos alunos a compreensão do espaço geográfico, para que tanto professor como os educandos consigam debater o papel do ser humano na sociedade, na natureza e as próprias relações que se desenvolvem no seio da sociedade. De acordo com os PCN:

O acesso a novas informações permite repensar a prática. É nesse fazer e refazer que é possível enxergar a riqueza de informações, conhecimentos e situações de aprendizagem geradas por iniciativa dos próprios professores. Afinal, eles também estão em processo de construção de saberes e de ações no ambiente, como qualquer cidadão. Sistematizar e problematizar suas vivências, e práticas, à luz de novas informações contribui para o reconhecimento da importância do trabalho de cada um, permitindo assim a construção de um projeto consciente de educação ambiental. (BRASIL, (2001, p. 189)

A partir desses entendimentos, decidiu-se realizar uma pesquisa pautada na pesquisa-ação, haja vista o interesse em implementar uma proposta de desenvolvimento da linguagem fílmica no ensino de Geografia.

4.1. Novas Linguagens no Ensino de Geografia, Contradições e Limites da Prática Pedagógica no Ensino de Geografia na Turma do 6º Ano da EEEFM Professor Crispim Coelho.

A inovação no ensino pode ocorrer, principalmente pela utilização de metodologias e linguagens diferenciadas, a exemplo do teatro, da dança, da música, da arte, do cinema, dentre outras. Vários são os métodos que os professores poderiam utilizar em sala de aula, dentre eles podemos citar a música, teatro, estudo de campo e o cinema (filmes, documentários...). Mas, devido a algumas contradições e limites, as aulas observadas não saem do tradicionalismo. Por exemplo, nem toda escola tem os materiais necessários, para uma aula de teatro, musica, raramente é praticado estudo de campo, muitas das vezes por falta de interesse

do professor em planejar e da instituição de dispor o ônibus e os materiais necessários para o desenvolvimento da atividade.

Em relação à utilização do cinema em sala de aula, a maioria das escolas dispõe desses recursos incluindo a EEEFM. Professor Crispim Coelho (televisão e DVD). Mas, devido à carga horária, que muitas das escolas possuem com um calendário de horários de aulas distantes umas das outras, dificulta muitas das vezes se utilizar desse método, por o tempo de aula ser curto, sempre o filme fica para o outro dia, interrompendo assim a compreensão dos alunos e se estendendo por muitos dias essa atividade que levaria algumas horas.

Deixando assim de lado muitas das vezes um método tão inovador e prazeroso como o cinema. Segundo Rocha (2004). “O cinema é um instrumento educativo que auxilia no desenvolvimento do pensamento e da criticidade de estudantes e professores”. A partir desse pressuposto temos que ter bastante cautela ao tratar, e principalmente utilizar essa metodologia em sala de aula.

A falta de informação sobre o assunto ou mesmo o comodismo de inovar por parte do professor, faz desse recurso/ metodologia se tornar apenas um “tapa buraco” para apenas preencher o horário que o professor faltou ou por que não planejou sua aula. Dessa forma, o recurso perde o sentido e a importância sem trazer nenhum benefício para o aluno.

Assim, ao invés de tornar o ensino prazeroso e inovador torna-se chato e os alunos percebem que é enrolação por parte do professor, que muitas das vezes por não preparar um filme correto, o mesmo não tem nada haver com o conteúdo e não o contextualiza, deixando os discentes sem entender muitas das vezes o que estão assistindo. Desse modo tanto o professor como a escola tem que se utilizar desse método, de modo proveitoso. No que diz respeito a isso, Freire e Caribé (2004, p.3-4) explicam que:

A função do audiovisual não é agir como mero suporte na transmissão do tradicionalismo do saber. É preciso pensar os meios de comunicação como fonte de validade pesquisa, auxiliar importante da investigação científica. Desconsiderá-los é subestimar seu valor informativo e, por que não, pedagógico. Um erro tão fatal quanto confiar em uma possível neutralidade dos mesmos e deles fazer uso sem considerações crítica.

Dessa forma o uso desse recurso só tem sentido se colaborar com o ensino e a aprendizagem dos alunos, enriquecendo o ambiente escolar, podendo ser utilizado para analisar uma imagem, fenômenos naturais, acontecimentos mundiais, comparar dados de determinados locais, estudar o espaço através de um lugar ou uma paisagem, estudar território, meio ambiente, cultura, dignidade e assim são amplos o uso do cinema nas aulas de

geografia, pois o mesmo dispõe de materiais diversos. Além do mais a utilização do cinema ajuda os educandos a compreender melhor o local em que vivem e o mundo.

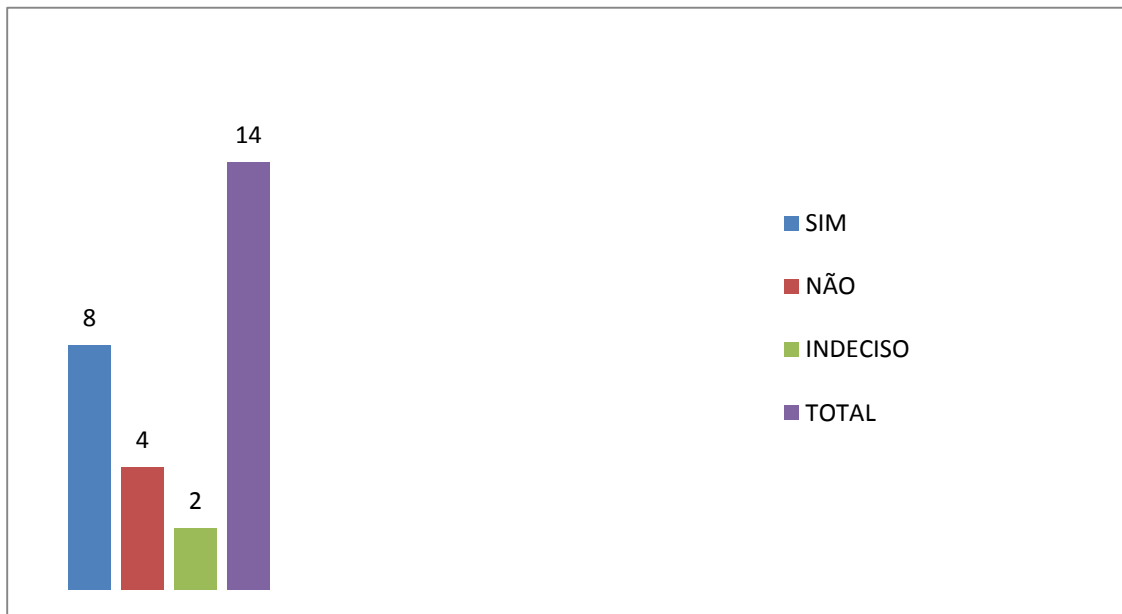
Segundo Campos (2006, p.12), não existe novidades em usar recursos audiovisuais como recurso didático/pedagógico, mas apesar disso não foi e não é devidamente captada nas salas de aula. Para o autor, a utilização de filmes nas aulas de geografia também é importante quando não podemos voltar ao passado.

Portanto, para além dessa questão todo educador sabe que mudar suas práticas educativas, é muito trabalhoso e sabe das grandes dificuldades que enfrentam determinados diretores de escolas que não gostam de outros procedimentos, que não constam no planejamento; alguns pais e mães dos alunos, por vezes preferem o tradicionalismo, uma vez que foram educados nessa perspectiva e pensam que seus filhos terão melhores desempenhos em testes seletivos; alguns dos alunos não aceitam a inovação e também alguns colegas de trabalho que se sentem ameaçados por outro educador que tenta melhorar suas práticas educativas; e, dessa maneira, por vezes perdura a fragilidade no ensino com aulas rotineiras e sem criatividade. (VESENTINI, 2004).

Diante de tantas dificuldades o professor opta, na maioria dos casos, por fazer o rotineiro, o mais fácil, o mais rápido perpetuando, mais uma vez, um ensino tradicional, que não gera discussões, nem aprendizagem de qualidade. No âmbito da pesquisa constatou-se, a partir da fala dos educandos do 6º Ano e da professora, a dificuldade em inovações no ensino de geografia e, a realidade vivenciada nas práticas docentes da EEEFM Professor Crispim Coelho:

Quanto à aceitação das aulas de geografia pelos educandos, apenas 57% afirmam gostar das aulas. Segundo a Professora, há dificuldades e desinteresse por parte dos educandos. Quando questionados se gostavam da escola apenas 50% respondem que gostam desta, assim como apenas 28% afirmam gostar da Professora de geografia, portanto, 64% informam não haver uma boa relação com o professor da disciplina de geografia, cujo principal motivo indicado foi à inexistência da relação amistosa entre professor-educando e a maneira com a qual o professor se comunica com os alunos em sala que não os agrada. Segundo os próprios educandos “ela só grita em sala”, não há um diálogo harmonioso entre a professora e os educandos.

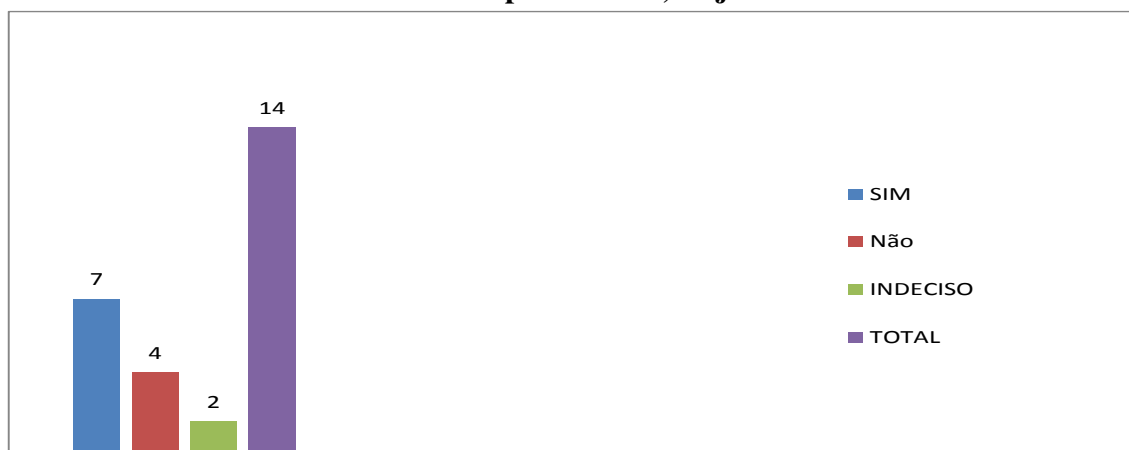
Gráfico 3: Resultado Sobre a Aceitação dos Alunos sobre a Disciplina de Geografia no 6º Ano A, na EEEFM Professor Crispim Coelho, Cajazeiras – PB



Fonte: Organizado pela Autora em pesquisa direta com 14 educandos do 6º Ano A, 2014.

O gráfico acima mostra que dos 14 alunos regularmente matriculados no 6º A da Escola Crispim Coelho em Cajazeiras, 8 alunos responderam que gostam da disciplina de geografia. Os que responderam que não gostam da disciplina foram 4 alunos, enquanto apenas 2 não souberam que não sabe e ou não responderam.

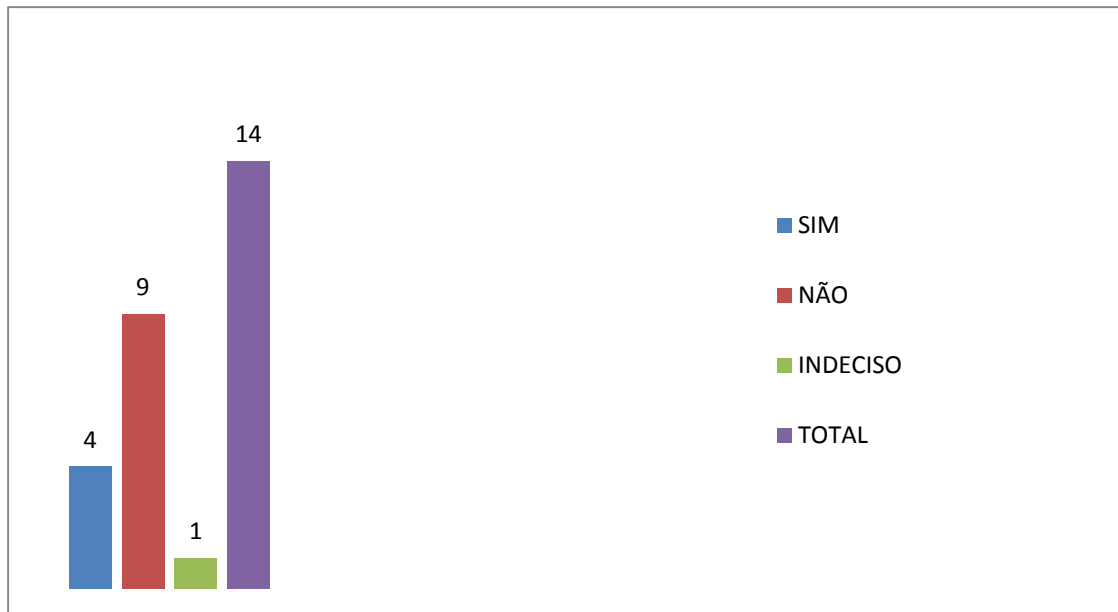
Gráfico 4: Resultado Sobre a Aceitação dos Educandos sobre a Escola na EEEFM Professor Crispim Coelho, Cajazeiras – PB



Fonte: Organizado pela Autora em pesquisa direta com 14 educandos do 6º Ano A, 2014.

No tocante a aceitação dos educandos em relação à Professora de Geografia, estes responderam:

Gráfico 5: Resultado Sobre a Aceitação dos Educandos sobre a Professora de Geografia no 6º Ano A, na EEEFM Professor Crispim Coelho, Cajazeiras – PB.



Fonte: Organizado pela Autora em pesquisa direta com 14 educandos do 6º Ano A, 2014.

A entrevista realizada com a professora era composta por 19 questões, com 12 anos de atuação e licenciada em Geografia, a mesma afirmou-nos que suas aulas são desenvolvidas através de leitura de textos do livro didático, uso de laboratório de informática, sala de mídias e pesquisa bibliográfica.

Outra pergunta colocada foi quais são os recursos necessários para suas aulas? Ela diz: vídeo, computador e livro. Ela menciona uma variedade de métodos, mais em conversas com os alunos e com as observações realizadas durante a pesquisa, percebemos desencontros entre as respostas da Professora e as dos educandos quanto às práticas pedagógicas adotadas em sala de aula.

Assim, a utilização de vídeos informada pela Professora não condiz com as respostas dos educandos que negam a utilização deste recurso. Mais adiante quando retornou a perguntar com que frequência ela utiliza vídeos em sala, ela responde: “- às vezes”. Algumas questões da entrevista não foram respondidas pela Professora que afirmou não entendê-las.

Abordará a seguir, a(s) resistência(s) à reinvenção e continuidade(s) da tradição, onde faremos uma abordagem sobre o livro didático e posteriormente, demonstraremos a sugestão de atividade com o filme intitulado *Lixo Extraordinário*, cuja intenção foi impossibilitada na Escola investigada, o que nos fez repensar acerca das práticas docentes utilizadas.

4.2. Resistência(s) à Reinvenção e Continuidade(s) na Tradição

Quando fala em ensinar, fala-se também dos riscos de aceitar o novo. Quando citado anteriormente que o ensino tradicional é transferir conhecimento e não construir, e muitos dos educadores ligados às práticas do tradicionalismo apresentam resistência em utilizar em suas aulas novas metodologias, tais como o cinema, a música, o teatro, a dança, dentre outras. Isso ocorre por vezes, em função de alguns professores em muitos dos casos, não dominarem a linguagem necessária, exigida para auxiliar as práticas docentes. Portanto, necessita-se de melhor formação acadêmica. Como afirma Silva (2013, p.16):

No decorrer da graduação ouve-se falar constantemente em orientar, inovar, estimular, como trabalhar com aulas dinâmicas, entre outros. Entretanto, a maioria dos professores ainda persiste em trabalhar o método tradicional, tornando assim difícil de os alunos colocarem algum fato ou fenômeno geográfico. (que viram/ou ouviram), em seu dia-a-dia, durante uma possível prática.

A realidade exposta na prática e que são vivenciadas no cotidiano nas escolas e, principalmente na Educação Básica é diferente do que é falado nas Academias. Na maioria das escolas são comuns às antigas práticas de ensino pautadas na transmissão de conhecimentos e no uso quase exclusivo do livro didático, tornando este, indispensável em sua metodologia de ensino.

Há a necessidade de o professor saber lidar mais adequadamente com o livro didático, inovando e modificando suas metodologias, pois a ausência ou insuficiência na qualificação dos educadores tem como consequência, o ofício impróprio do livro didático em sala de aula, conforme veremos mais adiante, assim que demonstrarmos nossa intenção com a proposta metodológica de pesquisa para trabalhar o filme *Lixo Extraordinário*, como possibilidade de reinventar a prática docente no ensino-aprendizagem.

Ao invés de prender-se literalmente ao livro didático, foi proposta a exibição da obra cinematográfica *Lixo Extraordinário*. Esta obra relata, conforme discutido anteriormente, temas geográficos como: espaço, meio ambiente, dignidade, cidadania, sustentabilidade, sociedade, consumo e resíduos sólidos, dentre outros, os quais estão, a cada dia, mais em evidência, tanto na sociedade como nas entidades educacionais de todos os níveis, encontramos dificuldades na realização da proposta.

Na obra fílmica, alguns assuntos e ou características de um povo são abordados como: coragem e esperança, neste momento direcionem para a questão dos resíduos sólidos, sugerindo uma possibilidade de trabalhar com os educandos esta obra da seguinte maneira:

1- Preparação de um plano de aula que envolveu dentre outras questões:

- 1.1. Definição do conteúdo: Resíduos sólidos;
- 1.2. Preparação do plano de aula pelo Pesquisador com o Professor;
- 1.3. Antes de apresentar o filme *Lixo Extraordinário* para os alunos, o educador deve assisti-lo e fazer a relação com os conteúdos que serão trabalhados;
- 1.4. Ter conhecimento do assunto e analisar a qualidade do material fílmico;
- 1.5. A observação acerca da adequação do filme para a faixa etária da Turma e verificar se o filme contém alguma cena inapropriada para aquela faixa etária, observação dos valores éticos, culturais e religiosos dos educandos.

2- Trabalhar conteúdo em sala de aula

Antes de exibir o filme, o professor deve informar o gênero, o autor, ano de lançamento as premiações, o elenco e se foi baseado em fatos reais.

3- Justificar a escolha do filme aos educandos

Durante a exibição, o professor deve ficar em sala para sempre que necessário esclarecer duvida e fazer comentários.

4- Debates e reflexões.

Após a exibição, o professor pode e deve levantar questionário sobre os acontecimentos geográficos apresentados no filme lixo extraordinários. Nesse momento são interessantes alguns questionamentos:

- 4.1. Qual o tema do filme e o que foi entendido na mensagem transmitida pelo filme?
- 4.2. Você aprendeu algo sobre o filme? O quê?
- 4.3. Descreva uma cena em que você observou algo que se assemelha com o cotidiano de sua cidade. Onde e por que isso ocorre?
- 4.4. Como podemos agir para evitar o desperdício?
- 4.5. Como a vida cotidiana pode influenciar na produção dos lixões e de aterros sanitários e na transformação do espaço?
- 4.6. Outras...

Após descrever os fenômenos geográficos a partir das imagens do filme exibido, dos questionamentos levantados, o professor seleciona um para discutir em sala. Utilizamos como

exemplo, o resíduo sólido. O professor juntamente com os discentes deve discutir pontos como:

- A partir do filme o que você entende por resíduos sólidos?
- Quais fatores levaram Vik Muniz a trabalhar no maior aterro sanitário do Brasil?
- No Brasil, a reciclagem e a reutilização são fenômenos recentes? Por quê?
- Atualmente, ainda temos lixões e já temos aterros sanitários em outras regiões do Brasil?

O professor deve integrar o conteúdo do filme com o conteúdo do livro didático e pode também associar o conteúdo do filme com o cotidiano do aluno questionando, por exemplo:

- Você sabe o destino dos resíduos sólidos de sua cidade?
- Onde você mora já ouviu falar em associação de catadores de materiais recicláveis?
- Como você e as pessoas do seu bairro separam o lixo de suas casas?

5- Conclusão das atividades propostas:

Após debater com os alunos os pontos citados, o professor deve focar os problemas enfrentados pelos catadores de material reciclável e a utilidade do seu trabalho em relação à geração de trabalho e renda, à sociedade e ao ambiente como possibilidade de reduzir o consumo e a extração de novas matérias-primas, a reutilização de materiais recicláveis a partir da catação desses materiais e, no caso com o trabalho artístico desenvolvido por Vik Muniz, discutir as vantagens da arte a partir da reutilização do lixo e da participação ativa dos catadores na produção das obras artísticas, como possibilidade de geração de novas obras de arte, uma nova expressão artística, promoção da autoestima e geração de trabalho e renda.

Outra intenção da proposta de pesquisa-ação se deu no sentido de buscar-se a indicação de conteúdos e obras fílmicas no ensino de geografia, sites com matérias que focalizem a temática da reciclagem e dos resíduos sólidos como assuntos para ser abordados em sala de aula.

Procurou-se demonstrar através de conversar com a educadora ao longo da pesquisa a importância do cinema na educação, uma vez que se percebeu e comprovou-se por meio da entrevista que esta metodologia não tem aplicabilidade nas aulas de geografia. Percebe-se que esta ausência ocorre devido a inúmeros fatores, como a ausência de equipamentos de retroprojetores instalados na sala de aula, e embora exista na escola, o pouco tempo destinado às aulas de geografia, por vezes com aulas fragmentadas em horários distintos, na primeira e

na última aula, com duração de trinta minutos, cada aula, dificulta o uso dessa metodologia, pois enquanto liga-se e monta-se toda a estrutura tecnológica, o tempo da aula já se esvaiu.

Igualmente, percebe-se a pouca importância dada à geografia com uma carga horária bastante inferior às demais disciplinas; os programas e projetos institucionais de ensino, os quais são embasados em estruturas arcaicas que não admitem inovações, resistindo a inovações na efetivação e nos desenvolvimentos dos saberes em ambientes educacionais.

Procurou-se dialogar com a educadora no sentido de demonstrar a importância de não nos prendermos ao tradicionalismo cotidiano das práticas de ensino pautadas quase sempre no livro didático, uso do quadro-negro e giz, conforme foi observado, sem inovações nestes recursos, mas outros fatores como a má distribuição de aulas durante a semana no tocante ao lugar destinado às aulas de geografia, estas com pouco tempo conforme delimitado pela legislação vigente são motivos pelos quais se apresenta dificuldades de se inovar nas metodologias diferenciadas, aprisionando por vezes as tentativas frustradas da Professora de Geografia que afirma, que mesmo que queira inovar, a estrutura escolar, as leis dificultam o pouco tempo e os espaços destinados ao ensino impossibilita a mesma a inovar suas aulas.

Embora exista uma variação de métodos que facilitem o entendimento do espaço geográfico, o livro didático ainda é para muitos professores a principal fonte e ou ferramenta nas escolas do país. Isso ocorre pelo simples fato de que ambos não admitem uma renovação e com isso impõe resistência por não se adaptar a essas novas tecnologias, má remuneração, falta de estímulo e a realidade crítica que passa a Educação de Básica no país. Não havendo uma qualificação profissional tanto da parte dos docentes quanto dos órgãos responsáveis pela educação.

Com isso, a resistência às novas formas e ou práticas de ensino nas instituições educacionais brasileiras sejam elas: Públicas ou Privadas, na sua grande maioria ficam em segundo plano, pelo simples fato que seguir o tradicional é bem mais fácil e prático que incrementar e ou implantar um novo método.

Sobre o livro didático, Pontuschka et. al. (2009, p. 339), afirma que “[...] Este recurso apresenta múltiplos aspectos, sendo uma reprodução cultural e, ao mesmo tempo, uma mercadoria, devendo, portanto, atender a determinado mercado”. Levando em consideração que o livro didático, uma mercadoria, seja um alvo lucrativo, para as editoras que tem como seu principal cliente os órgãos de Educação Federal, Estadual e Municipal, avaliada pelo

MEC⁵, esse método de utilização do livro didático não seria tradicionalmente baseado numa intenção lucrativa? Intenção esta, típica do sistema capitalista onde o importante é o lucro em larga escala e a competição desleal do mercado educacional.

As grandes editoras aliadas a renomados autores lançam a cada dia, novos produtos para o mercado consumidor, as ‘escolas’ com o intuito de produzir sem a devida preocupação com o conteúdo elaborado, se são conteúdos chamativos e ou atraentes que possam prender à atenção dos alunos em sala de aula. Esse tipo de atitude pode ser um dos pilares que venha agravar a crise da educação e de certa forma, aumentar a rejeição por parte do aluno de determinadas disciplinas.

Por outro lado, onde está a culpa de uma aprendizagem defasada? Nos professores que não buscam métodos inovadores? Nos alunos que por acharem o conteúdo monótono não lêem? No próprio livro didático que não trás conteúdos atraentes que condizem com a realidade do professor e do aluno? Na intencionalidade dos que produzem os livros reproduzindo realidades externas aos sujeitos da escola, e em especial das escolas que possuem suas próprias diferenças?

No caso dos professores, as culturas do tradicionalismo aliadas à outra série de fatores impedem uma renovação qualificativa dos seus métodos de ensinar. Para o aluno, o livro não retrata a sua realidade diária e por não está preparado para uma visão diferenciada não se interessa pelo conteúdo imposto pelo livro didático. Em relação ao livro didático, esse não é elaborado para educar, mas, para ser produto de comércio e lucro de determinadas empresas do gênero, além de reproduzir a lógica dominante do modo de produção vigente, por conseguinte de determinados estratos de classes sociais.

A despeito das práticas docentes da professora, restritas no período de observação quase sempre ao livro didático e ao quadro-negro, nas observações realizadas, perceberam os educandos inquietos, o que tornou para a professora a dificuldade de domínio da turma durante suas aulas, tendo que reservar mais tempo para conseguir acalmar a turma e iniciar a exposição do conteúdo.

A pretensão de desenvolver a pesquisa-ação a partir da exibição do filme culminou num dos motivos que chamou a atenção para compreender o cotidiano escolar e a validade da legislação vigente no sistema de ensino quanto à disciplina de Geografia, demonstrando que a

⁵ MEC - Ministério da Educação e Cultura: É um órgão do governo federal do Brasil fundado no decreto n.º 19.402, em 14 de novembro de 1930 com o nome de: Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, pelo então presidente, Getúlio Vargas e era encarregado pelo estudo e despacho de todos os assuntos relativos ao ensino, saúde pública e assistência hospitalar.

carga horária disponível para esta é insuficiente se considerar os princípios de uma educação emancipadora dos sujeitos, libertadora, transformadora de suas realidades, conforme preceitua Paulo Freire e Rubem Alves.

Em função do tempo exíguo, a professora afirmou gostar da proposta do filme, mas julgou inviável, pois não havia tempo disponível para a exibição do filme, além de que “os alunos nunca prestam atenção em filme, à turma fica dispersa”, e quando perguntou finalmente se ela utiliza o cinema como metodologia, a professora afirmou que quando não pode vir à aula por motivos superiores, utiliza filmes com o apoio de outro profissional da escola.

Passou-se então, a investigar os educandos sobre o uso dessa metodologia e houve inquietação por parte de uma educanda porque não entendia como um filme serviria para dar aula. Mesmo assim, foi perguntado se gostavam de filmes e responderam que sim.

Assim ficou a inquietação acerca dos resultados que seriam obtidos a partir da reação dos educandos e da Professora com a exibição do vídeo. Será que um projeto de cinema em sala de aula na escola mudaria o ponto de vista do professor e principalmente dos alunos, visto que o Projeto Político Pedagógico (PPP) daquela instituição e os planos de aula da professora não contavam com essa metodologia?

A rigidez da estrutura curricular da Educação Básica e sua má distribuição de carga horária por disciplina indica a necessária revisão acerca da importância da educação contextualizada, sobretudo no ensino de geografia que trata da interpretação do espaço geográfico, fruto das relações sociais de produção.

A metodologia adotada na Escola pela Professora demonstra que esta se esforça para desenvolver suas atividades pedagógicas, mas os resultados traduzem-se no gosto dos estudantes pela escola, pela disciplina de geografia e pela professora, cujos resultados da pesquisa demonstram insatisfação por parte dos educandos.

A desvalorização a que é submetida à profissão docente traduz-se na fala da Professora ao afirmar possuir uma carga horária excessiva, muitos alunos matriculados em algumas turmas, além de problemas institucionais, os quais geram um somatório de dificuldades no cotidiano docente, fatores estes que dificultam a trajetória profissional de um professor, um reflexo da situação vivenciada em todo o país.

A intenção na pesquisa, realizada foi demonstrar a aplicabilidade do cinema como metodologia de ensino nas aulas de geografia, associando-a ao conteúdo do livro didático e à vida do educando, demonstrando que o professor não necessita se tornar um verdadeiro especialista do cinema, mas para se obter bons resultados em sala de aula, é importante o

professor utilizar sua criatividade e os conhecimentos geográficos para obtenção de melhores resultados no ensino-aprendizagem convidando os alunos a participarem e socializarem suas experiências de vida.

Diante da experiência vivenciada na EEEFM Professor Crispim Coelho, entende-se que as práticas docentes por vezes são dificultadas pela estrutura institucional em sua compreensão macro, ou seja, a própria dimensão legal que legitima a escola como instituição de ensino promove amarras que impedem a libertação dos sujeitos, dentre eles, do corpo docente, do corpo discente, da equipe técnica da escola, enfim, de todos aqueles que perfazem o cotidiano escolar, tornando a escola, por vezes, um instrumento de opressão, uma gaiola, no dizer de Rubem Alves, no curta metragem, *‘Há Escolas que são Gaiolas’*.

O vídeo *‘Há Escolas que são Gaiolas’*, trata de dois tipos de educação: uma como instrumento de transformação, e outra, capaz de aprisionar “engaiolar” o conhecimento produzido.

O texto aborda que as escolas que são gaiolas restringem o desenvolvimento e inibe o crescimento do aluno. Prende como pássaro, ou seja, o educando fica restrito ao conhecimento do professor e ao que este lhe transmite. Sendo assim, ele não desenvolve sua capacidade intelectual ampla, não conseguem enxergar além do que é imposto como metodologia didática. O papel deste aluno nessa perspectiva da escola como ‘gaiola’ atua como um coadjuvante e não protagonista, e sua única função é ouvir o que vem como ordem, nunca se tornando um sujeito de sua própria história, capaz de transformação.

Instituição escolar assim, não forma cidadão e não consegue quebrar as correntes do tradicionalismo. Com isso, seus alunos são direcionados a um caminho pensado pela escola que se sente dona destes, tornando-os prisioneiros de apreender o conhecimento emancipatório, reproduzindo por vezes, a ideologia dominante.

Como mostra o curta “a essência da liberdade é o vôo” (ALVES, s/d.). O contrário, o aluno torna-se uma obra inacabada, sendo assim, o aluno tem dificuldades de dizer: ‘eu sou livre, eu sou formador de opinião, eu desenvolvo minha criticidade e posso ser capaz’. Não pelo fato dele, não obter tal capacidade, mas porque lhe é castrado esse direito, ainda na sala com o que chamamos de imposição do conhecimento.

As escolas que são gaiolas não estão preocupadas com a formação do aluno, em formar cidadãos para a sociedade. Elas estão preocupadas em alcançar resultados em suas metas, muitas das vezes atingir seus próprios objetivos e seus próprios interesses.

As escolas que são asas, bem diferentes da educação brasileira, mas não uma generalização, pois há resistências no âmbito das escolas individualmente, aquelas são

libertadoras, pois possibilitam aos alunos vôos mais altos, o impulso que muitos educandos precisam para a sua liberdade, para que ela possa pensar e desenvolver sua criatividade. Desta forma, o professor da escola que tem asas busca o desenvolvimento e o incentivo à criatividade e ao desenvolvimento cognitivo do aluno com o intuito de formar cidadãos conscientes e criativos, aptos a transformar a sociedade e a si mesmos.

No pouco tempo em que foi desenvolvida esta pesquisa percebeu-se esforços por parte da professora, mas dificuldades de implementar e consolidar a escola e suas práticas na busca de construir uma escola que alce vôos para a libertação dos sujeitos, pois sua prática é coletiva e depende de muitos outros fatores para se consolidar, conforme já foi explicitado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi analisar as práticas docentes e apresentar uma proposta metodológica de ensino, além de descrever a importância do cinema em sala de aula como ferramenta metodológica para ser usada nas aulas de geografia. Diante destes destaques, compreende-se que a importância de se trabalhar novos métodos dentro de sala de aula tem como objetivo enriquecer e/ou facilitar o desenvolvimento cognitivo da educação.

Formar a partir de distintas metodologias, novos métodos de ensino que façam o aluno desenvolver suas habilidades e capacidades na transformação do espaço onde se insere. O uso do cinema em sala de aula pode tornar o aluno mais atento e mais crítico o que irá criar nele uma curiosidade, um despertar para o ensino de geografia. Com o auxílio de outras ferramentas o professor poderá buscar no cinema, novos conhecimentos já que em conjunto, este auxilia outras oportunidades de aprendizagem.

A formação docente dos futuros professores deve estar contemplada com essas mudanças e com isso, buscar novos caminhos para suas práticas que irá implantar em sala de aula. O professor deve sempre buscar uma formação continuada, pois a formação docente consiste num processo contínuo de aprendizagem. Mas para desempenhar um bom trabalho é necessário destacar a importância da valorização do seu trabalho, tanto pelo Estado, como pela sociedade em geral.

Igualmente, ocorre com o ensino de geografia pela necessidade de melhorar o processo de ensino-aprendizagem mediado pela formação de professores, associada à utilização de metodologias e recursos diferenciados para melhor compreensão e interpretação dos conteúdos geográficos. Os métodos tradicionais ainda bastante utilizados nas escolas, em especial na escola onde se realizou a pesquisa, podem ser associados a novas metodologias, a exemplo do cinema, para melhor compreensão do espaço geográfico e de suas transformações pelas relações sociais de produção. Para tanto, espera-se também do professor atitude no sentido de escolher bons filmes adequados aos conteúdos a serem trabalhados para melhor ilustrar e enriquecer o conhecimento.

Ressalta-se que apenas o uso desses métodos inovadores não transformará a educação nem melhorará o conhecimento do aluno. É preciso que seja promovida ao professor a capacitação contínua, assim como haja interesse por parte deste em buscar se atualizar com estudos, pesquisas e qualificação para que, diante deste processo, ele esteja apto a desenvolver sua função. Desse modo, a formação docente e a formação de cidadãos educandos, críticos, criativos e reflexivos pode apresentar uma nova escola e educação, uma escola com asas, cuja

capacidade de transformação dos sujeitos os condicione a viver não apenas para si, mas para e no espaço em que estão inseridos.

A exposição de um filme em sala de aula pode proporcionar momentos de interação, de dinâmica integrativa entre os educandos, tornando a prática pedagógica significativa e motivadora, para tanto, necessita planejamento, pois não deve ser utilizada apenas quando o professor não planejar suas aulas, com intuito apenas de cumprir com uma carga horária atribuída pela instituição escolar.

Neste sentido, esta pesquisa possibilitou uma reflexão sobre a importância de os professores vivenciarem junto aos educandos, momentos de aprendizado, que o cinema pode lhe oferecer a partir da construção do conhecimento abordado em filmes didáticos.

Ao focar o estudo do documentário *Lixo Extraordinário*, proposto a Professora do 6º ano A da EEEFM Professor Crispim Coelho, pretendia demonstrar que a realidade exposta no vídeo que trata dos catadores de resíduos sólidos do Aterro Sanitário do jardim Gramacho, está também presente não apenas na obra cinematográfica, mas também no cotidiano de muitas pessoas nas diversas regiões do país, inclusive, podendo retratar a realidade dos educandos da referida Escola, enfocando os diversos conteúdos geográficos, sejam eles de ordem física ou humana, através da compreensão de uma geografia para além de conteúdos fragmentados, voltada para a compreensão da dignidade e da cidadania dos sujeitos humanos.

Com base na pesquisa bibliográfica e na análise dos questionários aplicados com os alunos, pode-se afirmar que o uso do cinema em sala de aula, embora não tenha sido possível na proposta apresentada, na aceção dos educandos pode promover uma maior aprendizagem ao ensino de geografia, considerado por muitos como enfadonho, tornando as aulas mais prazerosas.

Conclui-se que segundo os alunos, é unânime o interesse que os professores utilizem esta metodologia como nova linguagem de ensino, a fim de ressignificar os conteúdos geográficos e promover maior interação entre professor e aluno, no processo ensino-aprendizagem. Neste sentido pode-se propor através desse estudo que as escolas possam transformar o cinema em uma metodologia didático-pedagógica, a partir da qual o professor deixa de ser o detentor do conhecimento e passa a ser um mediador, nessa produção do conhecimento geográfico, de forma que o ensino se torne uma ferramenta transformadora, na vida dos alunos e da sociedade que eles estão inseridos.

Como já foi dito, para se utilizar de qualquer filme o educador não precisa ser um crítico de cinema, basta conhecer o conteúdo a ser exibido para se trabalhar com os alunos em

sala e reinventar novos métodos ligados ao tema que sejam condizentes com o que se ensina na escola.

Vale ressaltar que nem todas as projeções cinematográficas relacionadas ao assunto podem ser abordadas dentro de sala de aula. É preciso que o professor faça uma seleção que leve em conta a idade dos alunos que formam a turma e também as suas limitações e capacidade de entendimento do conteúdo abordado. Essa seleção irá garantir uma segurança ao professor e conseqüentemente a melhoria das suas práticas em sala de aula.

A discussão que por hora finaliza-se, de modo algum deixa encerrada esta questão, pois estes são apenas alguns dos questionamentos que nos direcionam a refletir sobre o caminho que deve ser seguido para que as aulas de geografias se tornem dinâmicas, reflexivas e atrativas. Por isso, enquanto educadores, devemos refletir constantemente sobre nossa prática pedagógicas.

REFERÊNCIAS

ABAL [Associação Brasileira do Alumínio]. **Anuário Estatístico 2009**. ABAL 2009.

ABNT [Associação Brasileiro de Normas Técnicas]. **Resíduos Sólidos: Classificação**. NBR 10.004. Rio de Janeiro: ABNT, 1987.

ABNT [Associação Brasileiro de Normas Técnicas]. **Resíduos Sólidos: Classificação**. NBR 10.004. Rio de Janeiro: ABNT, 2006. Disponível em: <<http://ABETRE%20-%20Classificacao%20de%20Residuos%20Solidos%20-%20NBR-10.004%20-atualizada.pdf>>. Acesso em 29 de janeiro de 2015.

_____. **Amostragem de Resíduos – Procedimentos**. NBR 10.007. Rio de Janeiro: ABNT, 2004.

ABRELPE [Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais]. **Panorama de Resíduos Sólidos no Brasil 2012**. Disponível em <http://www.abrelpe.org.br/panorama_apresentacao.cfm>. Acesso em outubro de 2013. São Paulo: ABRELPE, 2012.

BARBALET, J. M. **A Cidadania**. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.

BARBOSA, Jorge Luiz. **A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social**. Geographia. Niterói, v. 2, n.3, p. 69-88, 2000. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.phpq/geographia/article/view/30/28>>. Acesso em: 02 out. 2014.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares nacionais: Meio Ambiente e saúde**. 3ª ed. Brasília: Ministério da educação. Secretaria da educação fundamental, 2001.

CAMPOS, Rui Ribeiro de. Cinema, Geografia e sala de aula. In: **Estudos geográficos**. Rio Claro, v.4, n.1, p 1-22, jun.2006. ISSN 678- 698 x. Disponível em: < <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/...q17...>> acesso em: 02 de outubro de 2014.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **A Cidade-Estado Antiga**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1985.

CARVALHO, Maria do Socorro. Cinema novo brasileiro. In: _MASCARRELLO, Fernando (Org.) **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papiros, 2006. p.289 – 309. (Coleção campo imaginético).

CASTROGIOVANNI, A.C. **Geografia em Sala de Aula – Práticas e Reflexões**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora universidade, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e prática de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1997.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Cinema, música e espaço- uma introdução. In: _ **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, p. 7-14.

COSTA, Flavia Cesariano. Primeiro cinema. In _ Mascarello, Fernando (Org.). **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papiros, 2006, p.17-52(coleção campos Imaginético)

LIXO extraordinário. Direção: Lucy Walker. Codireção: Karen Harley e João Jardim. Produção: Inglaterra/Brasil, 2010. Disponível em: < <http://www.cineclick.com.br>, 2010.acesso em jan.2015.

FILHO, Antônio Carlos de Queiroz. A geografia vai ao cinema. In: _ **Resgate: Artigos e Ensaios**, [S.I], v.19, n.21, p. 58-67, jan./jun.2011. Disponível em: <<http://pt.scrbt.com/doc/100040097/Textos-Carlos-Queiroz-2>> Acesso em: 25 fev.2015

FREIRE, Larissa Almeida: CARIBÉ Ana Luiza. O filme em sala de aula: como usar. In: _ **Revista Eletrônica O Olho da História**, [S.I], p.1-12, 2004. Disponível em: < <http://www.oohodahistoria.ufba.br/artigos/utilizarfilmeemsala.pdf>> acesso em 08 out.2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e terra, 2008.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRESQUET, Adriana. **Cinema para ler e reler o mundo**. Artigo publicado pela Revista Pátio Ano IX - Nº 33 - Ler e Reler o Mundo - Fevereiro à Abril de 2005 - FÓRUM DE ARTES.

GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder: Introdução á Pedagogia do Conflito**. 13ª ed.- São Paulo: Cortez. 2003.

GEIGER, P. P. **Ciência, Arte e a Geografia no cinema de David Lynch**. GEOUSP – Espaço e tempo, São Paulo, n. 15, p 11- 18, 2004. Disponível em: < <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAtnkAC/cinema-arte-a-geografia-no-cinema-david-lynch#>>. Acesso em: 08 out. 2014.

GOOGLES MAPS, 2014. Disponível em: [https://www.google.com.br/maps/@-6.88906135-88.5543854,6301m/data=!3M1!1E3](https://www.google.com.br/maps/@-6.88906135,-88.5543854,6301m/data=!3M1!1E3). Acesso em :05 de dez.2014.

GUSMÃO, David Ferreira; SAMPAIO, Andrecksa Viana Oliveira; SAMPAIO, Vilomar Sandes. **O Ensino da geografia e a produção/ utilização de recursos didáticos**. In: Encontro de Geógrafos da América latina, 10., São Paulo. Anais eletrônicos. São Paulo: USP, 2005. P. 6745 – 6758. Disponível em < <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Ensenanzadelageografia/Investigacionydesarrolloeducativo/20.pdf>>. Acesso em 26 de out.2014.

HOUAISS, Antônio: Salles, Mauro de. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: objetiva, 2008, p158.

IMAGENS. **Lixo extraordinário**. Disponível em:< www.cineclick.com.br>. Acesso em janeiro de 2015.

JÚNIOR, Wenceslao M.de Oliveira. **O que seriam as geografias de cinema?** 2005. Disponível em http://www.letras.ufmg.br/atelaetexto/revista/txt_e_leituras_transdisciplinares_de_telas_e_textos.html. Acesso em 30 jan.2015.

LOURO, Guarcira Lopes. **O Cinema como Pedagogia in 500 anos de Educação no Brasil**. Belo horizonte: Autentica 2000.

MARSHALL, Thomas Humphrey. **Cidadania, Classe Social e Status**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

MORETTIN, Eduardo. Uma historia do cinema: movimentos, gêneros e diretores. In: São Paulo. Secretaria da Educação. **Caderno de cinema do professor dois: luz, câmara... Educação!**. São Paulo: fundação para o desenvolvimento da educação, 2009, p.46-71.

Disponível em:
 <http://culturaeducacao.fde.sp.gov.br/administracao/anexos/doumentos/320090708123643ca_derno_cinema2_web.pdf>. Acesso em 26 de out.2014.
 NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. 5ª ed. São Paulo: contexto, 2011.

_____. Cinema: experiências cultura e escolar. In.: **O Caderno do Professor Dois: Luz, Câmara... Educação!**. São Paulo: Secretaria da Educação, 2009, p.11-31.

NOGUEIRA, Luiz. **Manuais de Cinema II: gêneros cinematográficos**. Covilhã: livros lobcom, 2010. Disponível em http://www.livroslobcom.ubi.pt/pdfs/nogueira-manual_II_generos_cinematograficos.pdf. Acesso em 13 dez.2014.

NOTA TÉCNICA DEA 18/14. **Inventário Energético dos Resíduos Sólidos Urbanos**. Rio de Janeiro: 2014. Disponível em:
<http://www.epe.gov.br/mercado/Documents/S%C3%A9rie%20Estudos%20de%20Energia/DEA%2018%20-%20%20Invent%C3%A1rio%20Energ%C3%A9tico%20de%20Res%C3%ADduos%20S%C3%B3lidos%20Urbanos.pdf>. Acesso em 20 de janeiro de 2015.

OLIVEIRA, Denis Raimundo. **O uso do cinema nas aulas de geografia: postura de estudo da região nordeste**, 2011. Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos-pdf/cinema-aulas-geografia-regiao-nordeste/cinema-aulas-geografia-regiao-nordeste.pdf>.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. **Fé e Política: fundamentos**. São Paulo: Idéias e Letras, 2005.

PELEGRINO, Sandra. **Patrimônio Cultural: Consciência e preservação**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib (et. al.). **Para Ensinar e Aprender geografia**. 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental)

PROJETO POLITICO PEDAGÓGICO. **PPP da Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Crispim Coelho**, 2014.

ROCHA, Carmem Lúcia. Antunes. **Direito de Todos e para Todos**. Belo Horizonte: Editora Fórum, 2004, p. 13.

ROCHA, Maria Jose pereira. O cinema como instrumento de reflexão na sala de aula. In: **Filosofia, Linguagem e Política: conversações**. Goiânia, 2008, p 121-126.

SANCHEZ, Luiz Henrique. **Avaliação e impactos ambientais: conceitos e métodos**. São Paulo: oficina de textos, 2008.

SANTOS, Douglas. **A reinvenção do Espaço: Dialogo em torno da construção do significado das categorias**. São Paulo: UNESP, 1982.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: 1996.

SEWELL, Granville. **Administração e controle de qualidade ambiental**. São Paulo: Editora. da Universidade de São Paulo, CETESB, 1978.

SHARLET, Wolfgang Ingo. **Dignidade da pessoa humana e direitos fundamentais na Constituição da República de 1988**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2007, p. 22.

SILVA, Jocineide Alves da. O cinema na sala de aula: um dialogo com o currículo e o cotidiano escolar. In: **Revista Educação**, v.5, n.2, p.20-35, 2010. Disponível em <http://dialnet.unirioja.es/servlet/codigo=3640915>. acessado em 13 dez.2014.

SILVA, José Afonso da. **A dignidade da pessoa humana como valor supremo da democracia**. Revista de Direito Administrativo, v. 212, p. 84-94, abr./jun. 1998.

SILVA, Sandilma Serafim. **O cinema como recurso didático pedagógico no ensino de geografia**. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2013.

TERRA. Conheça os principais festivais de cinema no mundo. 2012. Disponível em: <http://diversao.terra.com.br/conheca-os-principais-festivais-de-cinema-do-mundo,2108acd24dd6d310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html> >. Acesso em janeiro de 2015.

VESENTINI, José William Vessentini. Realidades e perspectivas do Ensino de Geografia no Brasil. In: **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas: Papirus, 2004. p. 219-248.

APÊNDICE

APÊNDICE A

Roteiro de entrevistas desenvolvido junto a Professora da disciplina de Geografia do 6º Ano da Escola Estadual Professor Crispim Coelho

ESCOLA: _____ Dia ____/12/2014.

Tempo de Magistério: _____

Formação: _____

Turma: _____.

- 1- Você gosta de ser professor de geografia?
- 2 – Como são desenvolvidas suas aulas de geografia?
- 3- Qual a relação que existe entre a geografia e a realidade do aluno?
- 4- Você utiliza alguma metodologia? Quais?
- 5- Quais recursos são necessários para as metodologias que você utiliza?
- 6- Quais destes recursos você utiliza?
- 7- Como você utiliza esses recursos?
- 8- Você já apresentou algum vídeo em sala de aula? Qual?
- 9- Este vídeo tinha alguma relação com a vida dos alunos ou com os conteúdos estudados?
- 10- Qual era a relação que possuía?
- 11- Você realizou alguma abordagem sobre este vídeo? ()sim ()não Se positivo, de quais formas você abordou?
- 12- O cinema (vídeos, filmes) possui alguma relação com a escola? Explícite.
- 13- O cinema (vídeos, filmes) possui alguma relação com a geografia? Explícite.
- 14- Qual a frequência de utilização de filmes como método de ensino em sala de aula?
() sempre () as vezes () nunca
- 15- Quais filmes você já utilizou em sala de aula?
- 16- Quais os resultados alcançados?
- 17- Fale um pouco sobre os passos da utilização de um vídeo em sala de aula e os resultados que você alcançou juntamente com a sua turma.
- 18- Trabalhar geografia através do cinema traz alguma contribuição para o aprendizado dos alunos? Quais?

19- Há alguma dificuldade de trabalhar vídeos em sala de aula na sua escola? Quais?

Grata pelas respostas!

Graduanda: Livânia Batista de Oliveira. E- mail: livaniabatista@gmail.com

Orientadora: Prof.^a Dra. Ivanalda Dantas Nobrega Di Lorenzo. E-mail: ivanaldadantas@gmail.com

APÊNDICE B

Roteiro de entrevistas desenvolvido junto aos educandos do 6º Ano da Escola Estadual Professor Crispim Coelho

ESCOLA: _____ Dia ____/12/2014.

Idade: _____

Ano: _____

Sexo: _____

1º- Você gosta da escola? Por quê?

Quais as disciplinas que você mais gosta? Por quê?

O que você acha das aulas de geografia? Por quê?

Para você, o que é geografia?

Como é o seu professor de geografia? Você gosta dele? Por quê?

Como o professor de geografia dá aulas?

Ele utiliza algum recurso? Quais?

Você já assistiu algum filme na sala de aula? Qual?

Em relação às disciplinas de geografia, é utilizado o uso de filmes nas aulas?

() sempre () as vezes () nunca

O professor fez algum comentário sobre o filme?

O filme tinha alguma relação com o conteúdo que o professor trabalhou?

Assistir filmes para você é?

() interessante - “ legal” () desinteressante-“ chato”

Outro _____

Por quê? _____

Você gosta de cinema, de filmes?

Quais filmes você já assistiu?

Algum filme parece com sua história de vida?

Acha que é possível estudar geografia através do cinema, de filmes?

() sim () não

Gostaria que a disciplina de geografia usasse filmes em suas aulas?

Grata pelas respostas!

Graduanda: Livânia Batista de Oliveira. E- mail: livaniabatista@gmail.com

Orientadora: Prof.^a Dra. Ivanalda Dantas Nobrega Di Lorenzo. E-mail: ivanaldadantas@gmail.com